VINTE CARTAS

DE

CAMILO CASTELO BRANCO

JOSÉ CALDAS
Da Academia das Sciencias de Lisboa

VINTE CARTAS

DE

CAMILO CASTELO BRANCO

1876-1885

COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA, L.DA
Séde - Rua da Boavista, 307 — Sucursal - Rua do Almada, 123
DEPOSITO NO BRAZIL
CASA A. MOURA, 79, Rua da Assembleia — RIO DE JANEIRO

C. Castello Branco.

DUAS PALAVRAS

O Passado é já agora o unico, seguro e abençoado refugio de quem póde ir por trevas dentro a bater azas de luz e a poisar-se lá sôbre ruinas...

C. Castelo Branco — *Cavar em Ruinas. Prefacio.*

QUANDO eu apenas saía da meninice — isto deve andar á roda de uns bons setenta anos — nenhum mocinho em Portugal se permitia investir com o Templo da Imortalidade senão pela porta-falsa dos versos. E digo propositadamente *porta-falsa dos versos*, e não *porta-falsa da Poezia*, porque a esse tempo, na grande maioria da ronda-cantante, não havia poetas, havia maus versejadores. Os guias mentais dessa preversão literaria eram, principalmente, Antonio Mendes Leal, Augusto Lima, Luis A. Palmeirim, J. Costa Cascais e outros de igual coturno. Em tão tristes dias cantava-se por toda a parte, em Lisboa, em Coimbra, no Porto, em Guimarães, em Braga. No seu ultimo periodo de decadência e de desmoralisação (1853-1858), *O Panorama* tornára-se o vasadoiro de todas essas ignominias liricas.

Os vates enxameavam a cada canto, nas salas, nas ruas, nos *albuns*, nas veladas, nos *outeiros*, nos botequins. Verseja toda a gente, desde que o inspirado possa dispôr de tinta e papel. Não ha quem deite umas meias-solas; sobejam os *menestreis*. Em Coímbra, como orgão da turba, publica-se *O Trovador*; no Porto é *O Bardo*, de Faustino Xavier de Novais, quem exercita iguais funções. Nogueira Lima, poeta-ourives, como Novais, nas horas vagas da sua arte, deixa de assoprar ao canudo curbicórnio do maçarico, para n'*A Grinalda*, bufar á tuba do Amor. Em Braga ha uma *Borboleta*; em Viana funda-se *A Briza*.

Da vára poetica surgem por vezes coisas destas:

Que me importa que o mundo se acabe,
Se da Terra eu só fico rei!
Que me importa, se o mundo eu detesto,
Se desprêzo e rancôr lhe votei!

Do mesmo genero, e por-ventura do mesmo bardo, eram estes carpidos desoladôres:

Tive fé, muita fé nesta vida,
Crenças mil neste meu coração!
Mas, que importa! se sêcas, mirradas,
Ei-las todas pendidas no chão!

Outros, então, mais arrebatados no dedilhar das citaras, saiem-se com estas arrogâncias:

Venha' embora coriscos e raios
Ceifar dôces esp'ranças de amôr!
Qu'este peito de marmor' e gêlo
Só tem fé na tormenta e na dôr!

Era um nunca-acabar de lástimas, de imprecações, de confidencias, de suspiros, de asneiras. E tudo isto, pela preversão mental daquele tempo, sem um protesto, sem um correctivo, sem um apupo! Nada! Ouvia-se e gostava-se!

O poeta Palmerim vai na frente do bando canóro. O seu *Suicida*:

Onde vás com passo incerto,
Onde vás, mancebo, diz?
—Este mundo é um deserto
Para quem vive infeliz!

o seu *Camões*:

Que poéta que não era
Da linda Inez o cantôr!
Quem mais do qu'êle disséra
Dêsse fero Adamastor!

o seu *Guerrilheiro*:

Era noite sem lua, sem nada,
E debaixo do negro docel,
Reluzia-lhe a fronte crestada,
Relinchava-lhe o negro corcel.

a sua *Vivandeira*, sobre tudo:

Ai que vida se passa na terra
Quem não ouve rufar um tambôr!
Quem não grita na força da guerra,
Ai amor! ai amor! ai amor!

despertam um pavor estranho e ouvem-se com

enternecido aplauso. Ha até quem imite estes cantares, seguindo-lhes a toáda rithmica.

O poeta João Candido Furtado d'Antas, que vem a morrer juiz do Supremo Tribunal de Justiça, tão mau poeta como exemplarissimo Magistrado, e que, de Coimbra onde chegára a poetar nas aulas, [1] trouxera para Viana o *bacilus* destas abominações, escreve uma rapsódia inspirada na *Vivandeira*, rapsódia que êle proprio canta nas suas *serate d'amore*, fazendo-se acompanhar do seu *pobre e fiel violão,* como êle modestamente apelida o cumplice inconsciente dos seus desatinos liricos.

E, assim, emquanto o outro, em Lisboa, diz na *Vivandeira* :

Ai que vida se passa na terra
Quem não ouve rufar um tambor!

João Candido menestrel e trovador, ás margens do Letes, após os arpejos preambulares da praxe, arranca do peito os seguintes gorgeios:

Ai que vida se passa em Viana
Quem não vai pelo cais passear!

Quando se chega a esta ignominia, quem, pelas leis da fatalidade histórica, está destinada a pagar as

---

1 «João Candido Furtado d'Antas, o honestissimo magistrado superior, musico e poeta, cuja musa ora sentimental, ora galhofeira e satirica, o acompanhou na sua vida de juiz. Os seus versos, passando de banco para banco, aligeiravam as horas das aulas, sendo alguns deles ainda apreciados pelas gerações academicas, que sucederam á sua.» Pedro Eurico (*pseudónimo de A. Pinto Osório*) *Figuras do passado*, *pag. 133*.

custas de tanta barbaridade é, sem duvida alguma, a juventude inexperiente.

E foi o que me aconteceu.

Acostumado, desde muito moço, a ler, a ouvir recitar, cantar e repetir com aplauso estas sandices rimadas, tive, como de minha obrigação, correr a acrescentar tambem o acervo de tantas babozeiras com alguma original invenção do meu nascente engenho, a qual, estava seguro de que não destoaria muito das dos meus ilustres contemporâneos.

Deste modo Viana, não obstante ficar muito afastada dos fócos destas novidades, não podia, mormente pelas sugestões do seu *inspirativo ceu*, [1] furtar-se a tão corrosivo contágio. Os vates eram muitos. A terra assemelhava-se a um vasto sinceiral, onde tudo gorgeava, cantava, piava, grasnava e carpia. Havia aves canóras das mais desvairadas plumagens e dos mais estranhos arrulhos. Não se ouviam senão trilos, pios, e gorgeios!

Todavia é de rasão dizer-se, que os que menos dáno causaram ás letras pátrias foram os trovadores obscuros, que não acharam oficina tipografica que

---

[1] Das sugestões inspirativas do ceu de Viana fala deste modo, num dos seus romances, Camilo Castelo Branco: — «Aquelas noites estivas da gentilissima Viana, que se reclina á beira-mar sob um pavilhão de verdura, e se remira no espelho do seu Lima, são noites para poetas, e poetas se fazem ali súbito inflamados por tantas maravilhas da natureza ráro aumentadas num só paraizo. Debaixo de ceu tão inspirativo e terra tão espontanea de murmurios, de musicas, de perfumes, de silencios que se entendem e ouvem no coração, ali onde se não faz mister a fórma para adornar a idea... » *Os brilhantes do brazileiro, cap. XI.* Se o discreto leitor, menos confórme em seu pessoal juizo com este quadro, averbar de imaginoso este desenho, tome-se-lhe a discordância á conta de não corresponderem as obras á opulencia de tamanha riqueza natural, digna de Páfos.

lhes moldasse as canções. Mas nem todos se mantiveram pelos limites da sua benéfica obscuridade. Houve felizes, que ora por sua conta, ora por efeito de uma subscrição generosa entre os seus amigos, cumplices e admiradores, lograram a suprema ventura de ver reunidos num livro as melhores das suas composições.

A este pequeno grupo de afortunados vátes pertenceu o poeta António de Melo Varajão, o qual em 1851 conseguiu fazer estampar num livrinho de 51 páginas, em oitavo-minimo, quinze das suas melhores e mais preciosas joias. Esta pequena antologia merecera-lhe o titulo de *Primeiros Ensaios poeticos*, [1] e abre por esta invocação á *Rosa do deserto*:

> Linda rosa do deserto,
> Que despontas nessas fragas,
> Tu, sósinha, nêsse sêrro
> Vês lutar alem as vagas!

A qual *rosa do deserto*, depois de ver diversas cousas,

> Vê tambem lá por deshoras
> Nessas aguas côr de anil,
> Baça luz a tremular,
> Derramando encantos mil.

---

1 Porto, na Oficina tipografica de Sebastião José Pereira, Praça de Santa Teresa n.º 28. Estes *Ensaios* tiveram em 1853 uma segunda edição por intermedio de alguns amigos e admiradores do poeta. Não ha progresso a assinalar na evolução mental do vate.

A pagina 21 abre por um *devaneio*. O vate divaga assim:

Já a lua se vê fulgir
Pelo ceu de escuro anil;
Por esse ceu recamado
De estrelas a mil e mil.

O poeta não é ambicioso, nem desmandado em seus assaltos á fortuna. Não o abrazam sonhos de grandeza, como Petrarca, Tasso e outros colegas na comparticipação do genio. E, assim, entre anacorêta e trovador, diz-nos querer passar os seus dias

Entre rochas escondido,
Ouvindo nas horas mortas
Do bosque o triste gemido.

E largos anos depois
O romeiro desgarrado.
Em tosca pedra leria:
Aqui jaz um pobre bardo [1]

Este esperançoso poeta tinha uma senhora sua mana, que tambem poetava de rijo. Era, pelo visto, uma familia de cantores. A qual menina, de nome D. Ermelinda, tirou um dia do arquejante peito este lamento, digno de Alfredo de Musset:

Vou deixar-te, almo retiro,
Consôlo dest'alma triste,
Eu levo no peito a crença
Que a ventura aqui existe. [2]

---

1 *Op. cit. pag. 48.*
2 No jornal da terra *O Vianense*, onde cantavam outros cisnes da região.

Cumpre advertir, que o *almo retiro* aqui memorado como equivalente á Vauclusa do autor dos *Remediis utriusque fortunæ*, é o logar de *Portuzelo*, nos limites da freguezia da Meadela, a entestar pelo nascente com Santa-Marta. Tambem por lá deixei varios e avariados residuos do meu estro. *Delicta juventutis meæ*..

Luís Candido Furtado Coelho, mais tarde o prodigioso e desventurado actor que, no Brazil e em Portugal, mereceu a consagração de todas as plateias, publicava tambem por este tempo em Viana, [1] onde seu pai, João Pedro Coelho, exercia o cargo de Delegado do Tesouro, uns *Cantos poeticos*, em que declara acharem-se ali reunidos de sua mão os versos que êle composéra até os desasete anos, e que julgou melhores. [2] O estro parece desabrochar-lhe entre ciprés-tes, pois inicía os seus hinos por esta divisa, tirada de Victor Hugo: — *Je ne sais que verser des larmes.* Fiel a tão lacrimoso introito, solta a paginas 28 este lamento:

> Se eu venho de noite
> Perdido... sosinho...
> Divagar!
> E' que amarga dor
> Me arrasta até aqui...
> P'ra chorar.

Se estes eram os melhores versos que o poeta fabricára até os seus dezasete anos, calcule-se o merito dos outros. Mal agourada precocidade.

---

1 Viana na tipografia de M. F. P. da Silva, ao Largo de S. Domingos, n.º 7 (1851).

2 Na introdução, *Op. cit.*

Assim, pelo visto, estes vates parecia não serem dos mais favorecidos daquelas musicas e perfumes inspirativos, que Camilo Castelo Branco, anos depois, encontrava ainda no ceu de Viana, como seguro mantimento de poetas, espontaneamente nascidos para interpretar em suas ardentes estrofes «os murmurios de musicas e de silencios que se ouvem no coração». [1] Com tal genero de interpretes, os referidos silencios e seus concomitantes murmurios tinham de manter-se e permanecer na sua origem celeste, inacessivel aos tais mediadores em que, na opinião do mesmo ilustre romancista, «se não faz mistér a fórma de adornar a idea.» [2] Sim; a fórma que êles buscavam para adornar a idea, infringindo o preceito apontado, é que não só trahia o seu louvavel propósito, mas reduzía a tal idea ao lindo prepáro que atrás se estampa.

Alem destes, havia ainda muitos outros vates de origem aristocratica, ora em serviço activo, ora em sazonado repouso, derramados pelos seus solares de entre o Lima e o Vez, devendo apontar-se, pela técnica e pela correção da fórma, Gaspar de Queiroz Botelho, o qual costumava expandir os seus lamentos amorosos nas colunas d'*O Vianense*, jornal que despontára no horisonte da publicidade em 1858 sob a aza dos amigos politicos de Tomáz Norton, em tempo coudel-mór das hostes *regeneradoras*.

Este poeta, que era, seguramente, o melhor do rancho, ségue á risca a *maneira* lirica de João de Lemos, então em todo o esplendor do seu prestigio, chegando por vezes a confundir-se com o seu mo-

---

1 Vide supra, *pag. II, nota I.*
2 *Ibid.*
3 *Ibid.*

delo, principalmente no verso branco, que êle formúla primorosamente. A amostra seguinte confirmará o meu assêrto:

O' formosa mulher! de mago encanto!
O' anjo tutelar da minha vida!
Que em torrentes de mágica harmonia
Infundes em minh'alma um sol radioso
D'esperança e de prazer!...

Já dez anos antes de este cisne do Vez assim despedir os seus enternecidos cantos, tambem o Morgado da Carcaveira, João de Barros Mimoso, gorgiára dos sinceirais do Letes. Despontára-lhe mui precócemente na alma o arrebol de Apolo, quando ainda menino e moço, num Colegio de Lisboa, contendia com as primeiras regras da *Arte* do Padre Pereira. As premissas deste prometedor aluno do Parnaso sairam no *Jardim Literario*, numero 32, correndo já o mez de Maio daquele belicoso ano de 1848. O poeta celébra em estrofes ardentes a beleza de Ponte do Lima. A *Ode* (êle debutou por uma *Ode*) abre por esta peça memoravel:

Salvé formosa Vila! feliz pátria
De meus Pais e Avós primeiro berço!
Salv' encanto meu, delicias minhas!
Salvé! eu te adôro!

Teus muros pelo Lima são banhados,
Pelos antigos Romanos construidos;
E tuas margens ferteis e viçosas;
São dádiva divina!

Lirico e veridico.
Eu possúo de sua mão algumas composições poe-

ticas deste juvenil cantor, cêdo arrebatado ao doce convivio das Musas pelos materiais cuidados da administração da sua casa. Estas composições estão encimadas pelo modesto e expressivo titulo de *Ensaios poeticos* (como Varajão apelidára tambem, tres anos depois os seus vôos ás regiões do Pindo), e eram pelo seu autor destinadas á publicidade. Foi, que conste, o primeiro e unico poeta da sua esclarecida estirpe, aberração mental, deploravel por certo, que desponta e logo fenéce, reïncidindo apenas, pôsto que já sensivelmente atenuada, numa ilustre senhora, sua Mana, mais tarde Viscondessa de Macedo de Cavaleiros.

Os prometedores auspicios deste joven foram memorados com justo alvoroço de parentes, colegas e amigos, desde a raiz alpéstre do *Formigoso*, junto á Labruja, até o *Carregadouro*.

Nos quais *Ensaios* vecejam tróvas sentimentais como esta:

> Quando pela vez primeira
> Vi teu rôsto encantador,
> Jurei firme consagrar-te
> Eterno e puro amôr.

E para que, de futuro, se não levantassem dúvidas àcerca do fito que levava este belo tiro amoroso, o poeta, vencendo os naturais escrupulos da sua discrição, declára que o alvo da sua galanteria é a hoje esquecida senhora D. Adelaide da Cunha. Não fôsse outra dama vangloriar-se, jactando-se de que foram para ela que aqueles requebros se haviam produzido. Se Camões houvesse seguido egual propósito em muitos dos seus *Sonetos*, quantos equivocos, quantos desvarios criticos se teriam evitado!

A' sua Mana, a senhora D. Maria Amalia que,

como acima fica dito, tambem poetava, [1] dedica o poeta uma sentida poezia celebrando as belezas naturais do seu solar. O poeta, bucolista e nostálgico, mostra-se muito saudoso daquela paisagem. E, assim, diz:

Carcaveira! pátria casa
Berço da minha edade!
Nesta terra exulado
Por ti chóro de saudade!

A violêta a surgir,
A rosinha a abotoar,
Ai, tudo! querida Mana,
Tudo estou a recordar!

---

1 No *album* de uma sua amiga, a senhora D. Feliciana de Abreu e Lima, escreveu D. Maria Amalia, este intimo e doloroso desafôgo:

Ainda ha pouco eu cri no mundo,
Como na fé de meus Pais,
Julgando-me ser amada
Só por mim, sem nada mais.

Dentro em breve a sórte avára
O contrário me fez ver;
— Que os homens sómente adóram
Quem tem ouro, ou o póde ter.

A esta senhora, cuja radiante mocidade cêdo emurchecera na penumbra triste das celas dos conventos dos *Remedios* e da *Conceição*, de Braga, póde perdoar-se-lhe a patente inferioridade destes maus versos, levando-se-lhe em conta quanto o seu natural orgulho devera sofrer, como filha-segunda, em face da baixeza e da mercantil ganância dos jovens aventureiros do seu tempo. A nobre e altiva emoção que ela faz transparecer nestas péssimas quadras dá-nos a exata revelação das suas ocultas amarguras, que, mais tarde, o acaso de uma opulenta doação em dias de dura e desbotada velhice apenas serviria para mais dilacerantemente lhe avivar o conceito cruelissimo que de tais versos deriva.

O Barquinho a remar
No brando Lima a correr,
As trutinhas a saltar
Nada me póde esquecer !

Intra-muros possuia tambem Viana o poeta Baltasar Wernek, o qual desde muito se notabilisára por um recitativo langoroso, que um piano arquejante acompanhava, e no qual pulsam estrófes como esta :

Teus olhos meigos, de poesia infinda,
São alfabeto de nascente amôr,
Onde solétram os meus olhos ávidos
Dôces poemas de tu'alma em flor.

Este vate, fóra das suas crizes recitativas, com denguices creoulas à Casimiro de Abreu, concertava uns versos-soltos, que pareciam cavacados á enxó.

Alem deste, havia ainda os irmãos Pereira Viana, o António e o José, de alcunha os *Petronillas*, este ultimo um tanto inclinado á veia bocagiana; e mais os sargentos, Ernesto Cibrão e Bartolomeu da Silva Magalhães, ambos levados mais tarde a levantar vôo até ás partes do Brazil, onde mudaram de pena e nunca mais abriram bico.

A dar ainda maior vulto a este já de si crescido numero de trovadores, havia um corpo de poetas--populares, impondo-se nele o *Samoca* (André Joaquim Pereira), o *Mineiro* [1] e Antonio M. de Azevedo

1 Designo-o aqui pela sua popularissima alcunha, em rasão de não alcançar á mão, neste momento, registo seguro onde me fôsse permitido colher o nome e respectivos apelidos deste cisne vianês. A História nem por isso deixará de o venerar como merece.

(*o Cavalaria*), alcunha que lhe derivava da sua qualidade de antigo couraceiro dos ginêtes de D. Miguel, célebre, sobre tudo, pelos seus improvisos em arraiais e *outeiros*; o qual poeta por mal-ferido das pedestres e petulantes musas do seu convivio, foi mais tarde acolher-se á alquilaria do Sebastião das Neves, onde as bêstas, por não serem *pégasos*, e por êle certamente as entender como, no dizer de Pausánias, Melampo entendia o cantar das aves, o vieram a compensar, pela fraternidade do trato e pela reciprocidade dos coices, da feia e crúa ingratidão dos homens.

A aristocracia da terra dava egualmente a este numeroso bando de cantores um dos seus mais ilustres representantes. Este, porem, muito recatado e encolhido, não se permitia empunhar o plectro senão entre os mais intimos dos seus admiradores. Era êle o Visconde da Carreira, Luiz Bravo de Abreu e Lima, sobrinho do diplomata do mesmo titulo e do mesmo nome, e o ultimo representante, por varonia, de Diogo Gomes de Abreu. Foi pessoa muito apreciavel e muito delicada de seu trato. Tinha partes de rouxinol e de coruja, visto que só de noite se fazia ouvir. [1]

---

1 Não registo nesta galeria nem o nome de António Pereira da Cunha nem o de José Barbosa e Silva, em razão de estes dois poetas não pertencerem então ao circulo lirico de Viana. José Barbosa e Silva, pôsto que uma alma nobilissima e um coração aberto aos mais generosos impulsos, foi comtudo um poeta e um escritor mediocre.

António Pereira da Cunha, pelo contrário, cêdo conquistou um dos primeiros logares entre os melhores escritores do seu tempo, ao lado de Rebelo da Silva, de José da Silva Mendes Leal e de João de Lemos, chegando a merecer a subida consideração de Garrett. E' o autor de duas brilhantissimas poesias *Tu es Petrus*

Neste ensurdecedor gorgeio de tantas aves canóras, todas empoleiradas nas suas respectivas cítaras, vendo eu, como já disse, que todos estes cisnes eram admirados, e notando sem modestia que trovas como as que eles soltavam ao publico as podia eu tambem lançar ao papel, atrevi-me com as Musas; e repetindo a frase *Anch'io!*, do pintor célebre, insinuei-me no bando e desatei a poetar como os meus camaradas.

O meu primeiro balido metrificado saiu no jornal da terra em Agosto de 1860. Era a vigessima das minhas melhores composições em estado de vir a lume: — umas arcádicas, outras académicas, outras metastazianas.

O Padre Francisco de Paula Mendes, que então redigia *O Vianense*, indo mais tarde ocupar no *Jornal do Porto* o logar deixado por José Luciano de Castro a esses dias com oficina de advogado á *feira das caixas*: — o Padre Francisco de Paula Mendes,

---

e *O Voto do Rei*, que tiveram uma consagração retumbante no meio literário da epoca. Foi êle quem escreveu para a *Associação Fraternal dos Artistas Vianenses* (1860) a letra do seu hino. Inspirada no genero das liricas de Manzoni, e obedecendo porventura ao mesmo ritmo estrófico, esta poesia constitue um trecho formosissimo da melhor e mais primorosa inspiração portuguesa. Eu tive a honra de ouvir-lha recitar em sua casa, dias antes de ser entregue á agremiação a que era destinada.

Tambem escreveu algumas *xácaras*, ao estilo trovadorêsco (*O Conde Alarcos* e a *D. Sancha*) dignas de serem registadas no nosso melhor *Cancioneiro*. Como prosador de ráro brilho deixou-nos o seu livro *As Heroinas do Minho;* legando-nos egualmente um apreciavel trabalho dramático, *As duas Irmãs*, inspirado num episódio palaciano da côrte portuguesa do seculo de seiscentos, o qual teve em Lisboa um acolhimento muito lisongeiro. Como José Barbosa e Silva, António Pereira da Cunha era um delicado espirito, de um trato encantador, superior a todo o confronto. A politica dividiu-os para sempre, desgraçadamente.

digo, homem prático e experimentado em coisas de letras, a quem eu mostrára todos esses fructos do meu «novo engenho ardente», disse-me paternalmente:

— «Olhe: continue a fazer versos; mas não os publique. Isso não tem valor algum; mas V. tantos versos maus ha-de fazer, que seguro estou de que algum dia, se não morrer já, virá a saber produzir boa proza».

Como era de esperar, esta sensata advertência, sôbre maguar-me e ferir o meu orgulho de artista, foi inteiramente inutil; e desta falta de subordinação aos preceitos de tão avisado mestre, resultou a *avalanche* métrica com que, por espaço de mais de dez anos, inundei a imprensa da minha terra, levando a onda devastadora dos meus cantos até Lisboa, onde, na *Revolução de Setembro*, sob a aza suspeita e indulgente de Luciano Cordeiro, vazei todos os secretos filtros do meu estro escandecido.

Luciano Cordeiro, meu amigo, ou por condescendência, ou por sentir-se dominado pela mutua simpatia que nos unia, afoitava os meus desmandos literarios. D'ahi resultou chamar-me, uma vez, no seu *Livro de Critica* [1] nada menos do que "poeta panteïsta"!

Panteïsta?

Seria; mas eu nunca déra por isso; nem da minha então furtiva convivência com Spinoza e Lessing, eu chegára a colher cabedal filosófico bastante que permitisse lançar-me em tão altas cavalarias.

Felismente, ahi por 1872, a minha veia lirica, até então túmida e capitosa, começou a dar visiveis e

1 Vol. I, *pass.*

acentuadas mostras de cançasso. A crise dos meus *maus versos*, como com tanta rasão a previra Paula Mendes, tocava o seu têrmo. Uma acentuada e discreta reflexão começava a despontar em mim. ¿Iria iniciar-se o ciclo da *boa prosa*, como, anos antes, prognosticára Padre Mendes? Não se sentiam por emquanto prenuncíos. ¿Deveria reïncidir no lirismo antigo? De modo algum.

A moderar e conter essa funesta reincïdência, outros assuntos, outros têmas, outros propósitos reclamavam agora a incidencia das minhas aptidões.

O melhor conhecimento da lingua-pátria seduzia-me e obrigava-me a olhar com remorso o tempo que desbaratára, prostituindo-a, cantando amores que nunca sentira e lastimando a ingratidão das diversas *Julias* e *Elviras* que nunca tambem conhecera, e que por dever de oficio constituiam puras e autenticas invenções da minha irrequieta fantasia.

Resolvi desde então entregar-me a estudos históricos, propondo-me, principalmente, arrancar ao silencio das crónicas monásticas têmas ou motivos em harmonia com a minha nova *maneira* de dirigir o meu espirito.

Tracei então um vasto plano. Eu iria compôr diversos quadros históricos, inspirados nos discursos simples dos historiadores das religiões, pelos quais me cumpriria reconstituir a personalidade humana de muitos daqueles vultos, hirtos, graves, frios, que os cronistas me apresentavam como santos ou a caminho da perfeição. ¿Quem fôram, antes de entrar aos votos, essas figuras macerádas, esguias, esqualidas, de cabeça inclinada e pés ponteagudos, que os seus biografos nos dão como estátuas, em nichos de catedral? Que rasões as levaram a enterrar-se nos claustros? Parecia-me que nem sempre a ansia mistica

e dolorosa de ganhar o céu fôra o sobrenatural impulso que as arrancara á pátria, á familia, ao convivio dos homens. Não poucas vezes, por certo, a sêde do predominio, não poucas tambem, a queda de um sonho, o derruir de uma esperança, o profundo abalo moral nascido de uma decepção cruel. O têma atraïa-me, dominava-me, subjugava o meu espirito curioso de devassar todos os misterios do Infortunio e da Dôr.

Após varias porfias, logrei tracejar as primeiras linhas do meu vasto desenho. O livro a fazer teria por titulo: «Quadros antigos». Nesses quadros evocativos, puramente humanos, faria eu encerrar, tirando-os dos seus baldaquinos ogivais, de marmore rendado, como seres vivos e tangiveis, algumas das minhas figuras queridas. Deixariam de ser estátuas, para reverter á sua existencia sensivel. Seriam almas, deixando de ser sombras.

Apurei então, para a primeira parte do meu empenho, estes:

— D. Frei Gonçalo Marinho, o amigo do primeiro Duque de Bragança, D. Afonso; mancebo e namorado, que por amôr seguira, como alféres, a Ayres Gomes da Silva *o Vedro*, Alcaide-mór de Guimarães, na defeza do seu burgo, que está por D. João I. de Castela, genro de El-Rei D. Fernando: — esse mal-aventurado e prometido de D. Brites, a gentilissima filha do Alcaide-mór, e a cujo enlace se opozera a mão férrea de seu tio o Arcebispo de Toledo D. Pedro Tenório, irmão de D. Urraca Tenório, mãi da mesquinha esposada, valendo-se da sua autoridade como fautor dos bandos scismáticos de Roberto de Génebra, o falso Clemente VII: — esse nobilissimo D. Gonçalo Marinho, que após a morte da sua sonhada esperança, despe as armas e

vai acolher-se ao seu sepulcro de *Mirtili*, junto a Viana, trocando o loudel e a espada gloriosa pela cruz e pelo burel grosseiro de S. Francisco.

— Frei Mendo de Estremós, o pagem gracioso e gentil da Côrte de D. João II., que pela visão interior de uma vida perfeita, vestira a mortalha dominica.

— Frei Jorge Vogado, seu companheiro nos Paços da Ribeira, que iluminado pelo mesmo sonho, toma o habito dos pregadores no Convento do Azeitão.

— Frei Luis de Sotomaior, o sábio, que a Trento e ás escolas de Louvaina, de Inglaterra e de Alemanha leva a palavra santa do Evangelho; que desenganado, e pela lição das lutas a favôr do Prior do Crato, em que tomara parte, e ainda pelo exemplo de seu pai — o glorioso capitão de Cananor, Fernão Eanes de Sotomaior — do mau caminho que leva aquele que se propõe servir os grandes da terra, se refugía nos claustros de S. Domingos.

— D. Frei Francisco de Bovadilha, o altivo descendente dos Condes de Penhão-Rostro, vencido e hostilisado dos seus, com publica e manifesta desonra do seu sangue; divorciado dos homens e dos embustes da sua justiça, abandonando a pátria que tanto amára, amortalhando-se, como derradeiro azilo da sua alma, na estamenha de S. Domingos.

Ao ter, assim, concertado este pequeno grupo de santos, que a Dôr, o Desengano, a protervia dos homens e as irreparaveis tormentas da vida santificaram bem mais justamente, por certo, que os mercenários tribunais de Roma, alguem me lembrou que para apadrinhar o meu noviciado das letras muito convinha que me apresentasse a qualquer dos grandes pontifices literários que então se assentavam no sólio augusto e inacessivel da sua onipotência critica.

Que todos faziam assim. Alem disso — diziam-me cautamente os entendidos na matéria — o livro de um principiante, desacompanhado de uma *carta de apresentação* firmada por um Mestre consagrado, constituia uma imprudência, uma temeridade arrogante, que levaria fatalmente o seu autor a um inevitavel desastre.

Que não entrasse á arêna da Imortalidade sem um padrinho, um guia, um protector de fama que me acubertasse.

— Que todos assim faziam — insistiam.

E citavam-me, por sua ordem, varios nomes: — Pinheiro Chagas, com o seu *Poema da Mocidade*, Tomás Ribeiro, com o seu *D. Jaime*, a poetiza Maria Amália, com a sua *Primavera de Mulher*, a caso para diferençar-se da *Primavera* de *Castilho*, que era *de homem*. E iam-me apontando ainda outros nomes já semi-célebres ou a meia posta da Imortalidade.

E, a seguir, para avultar a negrura do quadro, ofereciam-me o extenso rol dos irreverentes, dos temerários, cujas obras lançadas á feira do noticiario idiota, sem uma benção amiga, tinham determinado, pela insolência do seu gesto, verdadeiras revoluções. — Que olhasse eu para o Luciano Cordeiro, para o Teófilo, para o Antéro, para o Ramalho, os quais somente pela fôrça se haviam imposto á ditadura dos patronos de profissão. Que fôsse prudente como as serpentes, pôsto que em aparência simples como as pombas — *estote ergo prudentes sicut serpentes et simplices sicut columbæ* — seguindo assim o preceito do Evangelho.

Eu concordava, quanto á substância filosófica destes avizos; mas pelo que dizia respeito á sua execução, punha as minhas duvidas, oferecia os meus reparos.

Que, pelo que tocava aos *Mestres Venerandos*, só conhecia dois: — Herculano e Castilho.

Herculano desconcertava-me pelo carregado do aspeito, pela severidade da sua critica, pela rigida inflexibilidade das suas opiniões. Eu vira-o em Viana em Agosto de 1854, [1] na companhia do silencioso paleografo, João Basto, procurando nos Cartórios

---

1 A cidade de Viana que, por estes dias recebia o grande historiador com demonstrações do mais alto aprêço, não contava, talvez, entre os seus ferventes admiradores de ocasião, tres leitores conscientes da sua obra. Sabia-se que era *um literato*, como o apontára nesse dia memoravel, no seu *Diurno*, Frei José de S. Thomé (*Chegou hoje aqui o Literato Alexandre Herculano. Tocou o relogio : houve foguetes*. Ms. em poder dos seus herdeiros.) Os mais versados em materia de letras iriam, quando muito, até chamar-lhe um «escritor irreverente», pelo que soava da sua critica movida ás patrioticas patranhas saídas do cortiço de Alcobaça, com aplauso de sucessivas gerações de doutos imbecis. Mais nada. E', porem, de advertir que, de então para cá, o numero dos leitores da *História de Portugal*, em Viana, não haja duplicado.

Em 1910, corridos cincoenta e seis anos sobre as tais festas de 1854, com foguetes, relogio e tudo, numa publicação comemorativa do centenario do ilustre português, dada á estampa sob a aza erudita do escritor João da Rocha, e na qual colabóra a fina-flôr da intelectualidade vianense — precisamente sessenta e quatro anos após a publicação do primeiro volume da *História de Portugal*, e cincoenta e sete anos depois da primeira edição do ultimo — ainda naquela cidade se escrevia, candidamente, que Herculano percorria em 1854 «o norte do paiz na *investigação solicita*, dos arquivos dos municipios e dos cartórios das colegiadas e dos extintos conventos... *preparando assim... os valiosos materiais com que haveria de lançar os fundamentos da sua monumental História de Portugal...*»

Não ha dúvida.

Herculano, em 1854, ainda andava em Viana á cáta *dos valiosos materiais* com que *haveria* de lançar os fundamentos da sua monumental *História de Portugal*, cujo primeiro volume já estava publicado em 1846, e o ultimo, desde 1853, andava nas mãos de toda a gente. Já é!

dos Conventos existentes ainda no Arquivo de S. Domingos, bulas, rescritos, breves, decretos pontificios, cartas-regias, tombos, cartularios. Afigurava-se-me um colosso. Eu sabia quasi de cór as suas obras, e conhecia de raiz as suas locubrações. Olhava-o, porem, como quem olha para um monumento megalitico, para a flecha de uma torre como a da Catedral de Colonia, de Münster, de Strasburgo. Que o meu pobre trabalho devia parecer áquele Timon da Azoia uma frioleira, uma ninharia, uma pretenciosidade, nunca, por certo, uma promessa, e muito menos uma esperança. Tinha ainda presente na memória a carta dura que êle escrevera a Pedro Correa, quando este benemerito editor lhe pediu o seu parecer àcêrca da *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, arranjada pelos moldes do algibebe francez, Ferdinand Denis. Era de arripiar. Depois lembrava-me tambem da resposta por êle dada a Silva Gaio, no apêlo que este escritor levára á tebaida tonitroante de Val-de-Lobos. Que só lhe conhecia uma carta amavel, carinhosa, enternecida, escrita a um principiante: a que êle dirigira a Bulhão Pato para prefaciar a *Paquitta*. Mas o meu caso era mais grave. Eu não ia iniciar a minha carreira, como toda a gente, oferecendo versos aos meus protectores. Eu iria apresentar a Herculano um ensaio de reconstituição histórica, tentando preencher as intencionais ou obrigatórias lacunas de alguns dos nossos cronistas monásticos em assuntos de ordem sentimental. Este meu plano iria avivar-lhe certamente o seu, de muitos anos atrás, quando pelos esboços de Fernão Lopes se lançára á obra primorosa de algumas das suas *Lendas e Narrativas*. ¿ O que é que êle pensaria da minha audácia?

Estava-o vendo, alem, muito alem, entre os seus

livros, entre os seus Bularios Romanos, entre os seus *in-folios* latinos,entre o seu Ducange e o seu Mabillon, entre os seus monges de S. Mauro, e os seus padres de Cluny, abancado áquela sua grande meza, coberta por ventura ainda do tal pano azul e amarelo, que êle recordava, em 1854, ao seu amigo António de Melo, meza toda estradada de notas, de extratos, de apontamentos, á luz do seu alto candieiro de tres bicos, com o seu amplo quebra-luz de latão — carregando ameaçadoramente o aspeito, á medida que fosse percorrendo, lentamente, as linhas da minha tentativa. E, ao passo que o meu desartificio se fosse afirmando — ora pela imperfeição dos retratos, ora pela indigência do descritivo, ora ainda pela hesitação e incöerencia do glossário — como o seu gilvaz se iria cavando, mais e mais, naquela face austera, alterando a linha componente daqueles lábios secos e rigidos, os quais se jamais se abriram, um dia, para articular uma mentira, nunca tambem se cerràram sem terem conquistado para si o triunfo e a vitória.

Não; aquele *balafré*, bem mais duro de gésto que o seu antigo homónimo da Lorêna, não era para graças, e muito menos para amaveis ou graciosas atenções, dispensadas a um obscuro anónimo como eu.

¿E Castilho?

Esse, não.

Eu sentia por Castilho, desde que as circunstâncias me revelaram varios incidentes da sua vida literaria não obstante a artificiosa candura do seu estilo epistolar sempre cantado, uma destas antipatias, que uma vez gravadas nos domínios da nossa sensibilidade moral, jámais se podem diluir ou apagar. O seu oficio de *guarda-barreira* da *Atenas lusitana*, misto de Justiça-maior, de beleguim, ou abelha-mestra do cortiço das letras portuguesas, com jurisdição

mista, absoluta, de conceder ou negar qualquer especie de *carta de livre-transito* aos peregrinos, de bordão e cabaça, que lhe fossem bater á porta da capoeira, irritava a natural insubmissão do meu temperamento de aldeão minhoto. Os seus padrões de precária e interina imortalidade afiguravam-se-me a cédulas de favor, a entradas *de borla* nos seus espectáculos, outorgadas por uma realeza, cujas graças já muito desacreditadas se compravam quase sempre com denguices de cão-rafeiro.

A sua ingratidão para com Herculano fôra sempre, para mim, desde o seu principio, uma vilania reveladora da tortuosidade do seu caracter e da pequenez do seu espirito. O Mestre não lha perdoára nunca, mau-grado todas as tentativas de reconciliação iniciadas mais tarde por Silva Tulio e outros valiosos amigos dos dois escritores. O próprio Julio de Castilho, seu filho e inteligentissimo secretário, não sabe nem póde, nas memorias que escreveu deste sucesso, desculpar a conduta do pai.

A hediondez do seu procedimento deante do grande infeliz — desse incomparavel desventurado que se chamou Lopes de Mendonça, levando-o, pela torpeza da sua acintosa hostilidade, [1] e pela infâme

---

1 Anos depois, Castilho tentou ainda reproduzir as mesmas façanhas no acto do concurso do sr. Teófilo Braga a uma das cadeiras do *Curso Supcrior de Letras*. Êle que, a esse tempo, se achava em guerra declarada com aquele candidato, e que, consequentemente, não podia ser um juiz honesto e imparcial diante das provas que um tal opositor lhe oferecesse, teve o máximo impudôr de comparecer na mesa do juri, no intuito miseravel de repetir ali a ação homicida que, anos antes, levára á loucura e á morte Lopes de Mendonça! Enganou-se. Teófilo Braga era de mais rija têmpera, e o meio literario já não permitia a segunda edição de tão baixa vilania. O candidato soube desviar o tiro; e o poeta da *Primavera*,

colaboração de um dos seus mais repelentes mastins, á demencia, á alucinação, á loucura, e por ultimo á morte — tornara-me para sempre esse homem indigno do meu respeito, sequer mesmo da minha consideração.

Odiava-o pela hipocrísia do seu tracto, pela teatral e imodesta improvisação do seu *Pórtico* (!), pelo ridiculo arbítrio com que, no dizer cláro e nobre de Ramalho, êle chamava *Tibur* ao seu quintal, e *reino dos seus penates* á sua horta, onde êle inventava acácias e olaias que nunca existiram, sôbre as quais cantam cigarras e calhandras do seu pessoal invento. Tudo isso espicaçava o meu criterio de homem rústico, acostumado, como Boileau, a apelidar os individuos e as cousas pelos seus nomes.

Alem disso, aquele homem, quanto a mim, não possuia a menor porção daquela elementar virtude que se chama probidade literária. Quem se lembra, como êle, de lançar um dia a publico uma *tradução* de Anacreonte, e outra do Göethe, sem possuir a mais insignificante noção das linguas de que estes dois grandes poetas se serviram, ou está ludibriando o seu publico, ou não tem vergonha. Traduzir é confrontar, é comparar, é contrapôr, é reduzir a uma determinada lingua aquilo que, *em confronto directo*, num outro idioma alguem escreveu. Para levar a cabo este propósito é absolutamente indispensavel e honestamen-

---

com os seus louros já sêcos, houve por bem recolher á sua horta, isto é, á sua *Tibur*, podendo bem aplicar-se-lhe, e com muita mais razão do que a que o seu sicário tivera para os atirar ao desventurado autor das *Recordações de Itália*, os tais contundentes e envenenados versos :

> Saiu de lá feito urso,
> E teve á pórta assobio.

te obrigatório, que o interprete conheça *muito bem* os dois idiomas. Ora Castilho violando este rudimentarissimo principio de probidade literária desceu á miseravel categoria de um charlatão. Quem não sabendo nem grego nem alemão nos vem um dia dizer que *divulgou* Anacreonte e Göethe, esse tal, — sejam quais forem as mulêtas a que se arrime, ou os intermediários auriculares de que se socorra — esse homem, *seja êle quem fôr* — mente. Reduzir a verso a próza que, ao ouvido, nos assópra um *lingua* de duvidosos créditos, não é traduzir, senão que tão-somente produzir exercicios de metrificação, de resto cousas de precária utilidade, que em regra se praticavam noutros tempos em pensões e ginazios infantis.

Se Castilho tivesse tido quem lhas lesse, para as meditar um pouco, as palavras com que Almeida Garrett, no segundo volume das suas *Viagens na Minha Terra* — esse «livro poetico e espirituoso» como o apelida Herculano — palavras com que êle faz acompanhar a sua primorosa tradução dos primeiros dezaseis versos da *Introdução* do *Fausto*, desde

Ihr naht euch wieder, schwankende Gestalten,

até

Vom Glück getäuscht, vor mir himveggeschwunden.

— escritos numa lingua que êle, como Herculano, como Cunha Rivara, e como todos esses nobres representantes do nosso periodo romântico, á excepção de Castilho, possuia a-fundo, avultando as dificuldades procedentes da divergente natureza do idioma germânico, pela sua irredutivel constricção sintética, em aberta hostilidade com o caracter substancialmente

analitico da nossa lingua: — se Castilho, repito, tivesse tido a ventura de ler, ou de ouvir ler, para as entender bem, essas palavras que constituem eloquentes revelações de um espirito superior dominando por completo o problema filológico que nos oferece [1] — Castilho teria certamente entrado na sem-rasão do seu pedantesco propósito, voltando-se então novamente para o seu Ovidio, cuja lingua conhecia tão perfeitamente, como perfeitamente desconhecia a do genial poeta de Frankfürt-ü-Mein.

E, já-agora, não passarei adiante sem dizer que Almeida Garrett seria indubitavelmente em Portugal, até hoje, o único verdadeiro e autentico traductor do *Fausto*. Possuia em subido grau todas as qualidades para esta divulgação; e melhor fôra, certamente, que assim houvesse procedido, empregando nesse trabalho, que constituiria um dos seus mais autenticos padrões de glória, aquele precioso tempo que êle tão tristemente desbaratou na exteriorisação do seu ridiculo e serôdio lirismo amoroso, já a esses dias tão inconciliavel com a sua pretenciosa cabeleira e com a sua possante e abaülada caixa de rapé.

Assim, desgraçadamente, quanto ao *Fausto*, Portugal ficou tendo como seus unicos interpretes, ou Castilho, que sabendo português, não era capás de entender uma unica palavra alemã; ou o ilustre Morgado dos Caniços que, entendendo regularmente o alemão, não sabia escrever português.

Esta falta de probidade literária soube-a ainda

---

1 As palavras de Garrett são estas: — «Não me atrevo a pôr aqui o resto da minha infeliz tradução; fiel é ela, mas não tem outro mérito. Quem póde traduzir tais versos? quem de uma lingua tão vasta e livre ha-de passa-los para os nossos apertados e severos dialetos romanos?

Op. cit. cap. XXVIII *pp. 26-27.* (Ed. de 1846).

denunciar Castilho na [1] liberdade com que, nas obras de Molière que divulgou lhes intercala facécias e chalaças da sua lavra. ¿Isto é traduzir?

Comparavel a isto, só aquela bambochata da *História Universal* de Cezar Cantu, na qual Antonio Enes, seu suposto tradutor português, entendeu dever reformar o conceito fundamental da mesma obra, levando o seu autor, católico e ortodoxo fervente, a professar principios e reconhecer teorias de embriologia, de antropologia e de geologia, que fariam certamente estremecer de horror o próprio Cezar Cantu, no seu gabinete da Biblioteca de Milão.

Restava-me Camilo.

Eu conhecia o prodigioso romancista desde que ao cair da tarde do dia 23 de Março de 1853, estando eu na companhia de meu Pai, o vira na igreja das religiosas Carmelitas de Viana, assistindo aos primeiros *nocturnos* do oficio de *Quarta-feira de Trevas*. Quatro anos depois, já em 1857, tornava eu a vê-lo no retiro romanesco e delicado, que José Barbosa e Silva lhe preparára em S. João d'Arga, logar donde, de manhãm, o grande escritor saía, acompa-

---

Versão liberrima, lhe chama êle. A propósito deste apelido, escreve Camilo, seu admirador, isto: — «Ainda não pude afazer-me á convenção de que estou lendo Molière, quando estudo estas chamadas *versões libérrimas.*» *Noites de Insomnia, 7 a p. 52*. A esta desbragada fantasia de *tradutor*, justo é que acrescentemos a sua *versão* (!) do *Midsummer Night's Dream* de Shakspeare, de cuja lingua o proprio Castilho confessava não conhecer mais que um ou outro vocabulo, «não chegando a tomar pé.» Conf. *Memorias de Castilho, Tomo I.*

Com esta sem-cerimónia que o dispensa de conhecer a lingua em que estão escritos os monumentos que pensa divulgar, chega a gente a maravilhar-se de que, por igual processo, êle não chegasse a traduzir tambem a *Mahabhârata*, ou o *Atharwan*. Que desafôro!

nhado do seu corpolento *Martirio* — tal como, Walter Scott, do seu *Maïda* — a dar um curto passeio até o pequeno rocio da encantadora Ermida de S. André, hoje prostituida pela torpeza de uma *restauração à moderna*, perpetrada pela mão impia de um sapateiro municipal. Ahi lhe fôra eu apresentado por José Barbosa, trocando-se entre nós sem conseqüencia, algumas palavras de mero e banal cumprimento [1].

No entanto o seu aspecto atraira-me desde o primeiro momento em que o vi. Era um homem com todas as nobres aparências de um individuo de sociedade.

Não obstante a lenda tenebrosa de uns amores sacrilegos em que o seu nome, já então prestigioso, andava envolvido e que as pessoas religiosas e graves entre si referiam com piedoso terrôr, Camilo afigurava-se-me um personagem de primoroso convivio, de delicadas e finas maneiras, vestindo com elegância, um tanto à Alphonse Karr, compativel e seguidor observante das mais exigentes modas do seu tempo. E, assim, tinha-o como presumivelmente afectuoso, benevolo, humano, e de seu natural propenso á indulgência, amavel sôbre tudo, para com um individuo como eu, que já um tanto fóra da sazão própria, se propunha abrir carreira na áspera senda das letras.

E tendo, muitos anos depois (1876), concluido a primeira das monografias monásticas destinadas á galeria dos meus herois, dirigi-me a êle, como ao mais belo espirito do meu tempo.

A minha vida ia transfigurar-se, e tomar um novo e mui oposto rumo áquele em que até então seguira.

---

[1] *Bibliogr. Port. e Estrangeira*, *4.º ano* (1883) *n. 5 p. 41—49.*

Um outro mundo ia despontar no nebuloso e incerto horisonte dos meus destinos, mundo carregado de sombras precursoras de novas e irreparaveis desventuras.

A primeira figura dos meus *Quadros antigos* era a de D. Frei Gonçalo Marinho. Eu havia feito publicar este retrato, em folhetins, num jornal do Porto [1]. Remetendo esses folhetins a Camilo permitia-me lembrar-lhe os tempos em que êle, em Viana, se tornára um como nosso patricio, nosso consócio, nosso amigo. Falava-lhe á memoria e ao coração. Ambos nós a esse tempo eramos relativamente felizes: eu porque ignorava; êle porque sofria menos.

O resto vai adiante.

E assim se iniciaram as minhas relações epistolares, os meus intimos desafogos literários, as minhas amargas confidências com aquele extraordinario desventurado — confidencias e desafogos que, por vezes, tiveram fazes de mutuo e salutarissimo confôrto.

Durou este dôce convivio espiritual pouco mais de nove anos (*Janeiro de 1876 — Abril de 1885*) chegando até os primeiros rebates da catástrofe — até ás vésperas de abrir-se a crise das suprêmas angustias que havia de preparar, por um desenlace trágico, a libertação redentora, definitiva, das mil torturas daquela cruciantissima agonia moral.

Mais infelizes do que êle... só os que lhe sobreviveram.

---

[1] Ainda cheguei a tracejar o perfil de mais dois dos meus modelos: — o de *Frei Mendo de Estremoz*, e o de *D. Frei Francisco de Bovadilha*. A tempestade de lama que pouco depois, contra mim, se alevantára em Viana, levando-me a fixar residência no Porto, fez com que esses apontamentos tão penosamente coligidos, se me extraviassem, e que de todo me desprendesse do plano inicial por mim, alguns anos antes, concebido.

PRIMEIRA CARTA

Os meus folhetins foram encontrar Camilo em Coimbra. A sua Carta é cerrada por um sinête funebre, trágico, lugubre: — uma caveira entre duas canélas em aspa, calcada sôbre uma especie de massa resinosa rubro-escura.

Diz assim a funerária epistola:

Meu Senhor — Coimbra 7 de Janeiro de 1876 [1]

Recordo-me perfeitamente. Em que epoca lhe veio lembrar-me! A minha saude

---

1 Esta data rebate a arbitrária conjetura do autor do *Romance do Romancista* (*cap. XVI, p. 282*) o qual crê que «foi entre 1872 e 1873 que Camilo Castelo Branco, pretextando educar seus filhos, residiu em Coimbra...» Como se vê, em principios de 1876 ainda êle lá estava.

guitarra com um desplante digno dos
bons tempos de Sevilha e dos seus barbeiros.

Dê-me V. Ex.ª outras occasiões em que lhe [illegible] eguaes finezas.

De V. Ex.ª
affectuoso coll.ga
Camillo Castello Br.co

SEGUNDA CARTA

Esta Carta é já escrita de S. Miguel de Seide. Não tem data. No sobrescrito, porem, a estação postal de Famalicão fixa-lhe o dia 24 de Outubro de 1876.

Camilo agradece-me uma poesia muito brava que eu lhe enviára, saida poucos dias antes num jornal do Porto. Nessa poesia tratava eu de infligir a uma das minhas ultimas ingratas um castigo formidavel. Em tais circunstâncias, João de Lemos escreveu o seu formosissimo *Bem hajas!* embebendo a pena do seu nobre ressentimento na tinta aristocrática do seu cavaleiresco desdem. Eu, infelismente, não pude compor-me por tão primoroso exemplo. E saindo, desvairado, á primeira devêza escanei o mais rijo tronco de carvalho que a fortuna me deparára, e fis dele o ministro da minha justiça.

Ha nesta poesia versos desta estranha violência:

Diz a lenda romantica, de outr'ora,
    Do nosso Bernaldim,
Que êle, por seu penar, longe se fôra
De esclavina e bordão: e réza assim:

— Que chegando ás portadas ostentosas
De antiga Catedral,
Vira passár, formosa entre as formosas,
A sua Beatriz de Portugal.

E que a dama, com languidos meneios,
Ao ver o trovador,
Isto lhe disse: — «Os velhos galanteios
Passaram, para sempre, meu senhor...»

E que depois, o rôto caminheiro
De mágua se finou.
Ora eu não sei se o conto é verdadeiro,
Ou se a aza do tempo o deturpou...

Mas fosse, ou não, assim: o que é sabido,
E' que *o vate dos tristes ideais*,
Se acazo na vaidade era ferido,
Ninguem com tal senhor contasse mais.

Que esmorecidos cantos nas balseiras!
Que Melibeus, chorando ingratidões!
Foram praga no mundo *os choradeiras*,
Como ha vinte anos foram os barões.

Depois veiu o suicidio, e o papelinho,
Com o safado *adeus! quero morrer!*
As cabeças de fósforos em vinho
Vingavam o prejurio da mulher.

Mas a Suprema Lei que rége a Humanidade
Baniu usos tão vis; fez ela muito bem;
Ninguem hoje se mata, e a féra Crueldade
Da terra se evadiu, ninguem a quer, ninguem.

Podem as virgens vans, cercadas de mil graças,
Abrir ròto balcão, agiotar, emfim;
Andar vendendo o olhar nos bailes e nas praças,
Ninguem imita hoje o rôto Bernaldim.

Deixae passar a onda, inquieta, egra, esfaimada,
Vendendo a graça e o riso ás frias multidões:
— Quem dá esmola á turba esfarrapada,
Que mendiga, a valsar, pelos salões!

Por isso, não receies que mal-queira
A' tua ingratidão;
Se tive algum logar na tua feira,
Hoje inspiras-me dó, pedindo pão.

. . . .

Não é uma poesia; é uma sóva.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, aquele excelente coração, chamou-me por esse tempo «deshumano». Que admirava! Rodrigues Cordeiro desde os seus dias do *Trovadôr*, imobilisára-se de lira na mão e olhos no firmamento azul, nas alfombras viridentes do *Penedo da Saudade*, ao lado de João de Lemos, de Freire de Serpa e de Couto Monteiro. Disse-me que eu fôra «pouco generoso, para não dizer severo, contra uma pobre mulher. Que quer? Eu tenho este fraco: o culto da mulher».

Respondi-lhe, que esse culto tambem eu o tinha, com a diferença de que, para os meus idolos, requeria pelo menos um atestado de bons costumes. Que as divindades pouco ajustadas no viver aos ditames da moral, somente as tolerava em Homero, por ser um poeta cego e muito antigo. [1]

Camilo, porém, já mais do seu tempo, disse-me:

---

1 Conf. Leite de Vasconcelos e Ernesto Pires, *Cancioneiro Portuguez, pp. 34-38 e 153-154. Porto, 1880.*

Ex.mo Sr.

A sua poesia tem as mesmas scintillações. É preciso fatalmente que todos os que pensam e escrevem neste meio se convertam ás formas do realismo. Nem ha mulheres para lyricos, nem vagar para se esperar o momento das inspirações altas. O Flaubert e o Baudelaire não são dois innovadores; são o espirito de um periodo de transição. Elles obedeceram inconscientemente a um fluido que os impulsionou. É obrigatorio que todos os espiritos afinem por

aquella chave. Está V. Ex.ª na
corrente. O seu poema é, sobre gracioso,
muito bem feito.

Dê-me occasião
de lhe agradecer, n'outra [illegible] natureza

De V. Ex.ª
att.º e affectuoso ven.or

Camillo Castello Branco [1]

---

1 Esta Carta não vem datada. No sobrescrito a tinta de óleo está: — *Famalicão. 24. 10. 1876.*

TERCEIRA CARTA

Esta Carta tem a data de 29 de Abril de 1879, e foi-me dirigida do Porto. Camilo escreve-a em resposta a uma outra minha, que lhe enviei de Viana. Nesta Carta, Camilo alude ao caso de uma apreciação de todo ponto injusta e mal-cabida que êle acabava de fazer na *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira*, n.º 5 (*p.* 78) a um trabalho histórico em que, pela fatalidade das circunstâncias, eu me achava empenhado.

Este incidente desagradavel para nós ambos é por mim minuciosamente versado noutro logar [1].

A Carta diz assim :

---

1 Conf. *D. Frei Bartolomeu dos Martires* (*profana verba*) *Advertencia* pp. 48-61.

QUARTA CARTA

Nesta Carta felicita-me Camilo pela minha libertação do antro oficial a que a fortuna me relegára. [1] E como na informação que eu lhe déra deste caso fôsse uma pergunta àcerca da topografia de Lisboa nos principios do seculo XVI., de modo a poder corrigir os desmandos dos escritores que tratam do logar em que Frei Bartolomeu dos Mártires nascera, Camilo diz-me o que sábe, e transcreve de sua mão as valiosas indicações que lhe ministra um precioso manuscrito desses dias.

E' assim :

---

1 Conf. *D. Frei Bartolomeu dos Martires (profana verba) Advertência, pp. 25-26.*

QUINTA CARTA

Camilo agradece-me o envio que eu lhe fizéra de um folhetim em que o Sr. Figueiredo da Guerra se permite apreciar uma hipótese de critica histórica oferecida pelo grande escritor sôbre o velho e embrulhado tema das origens de Gil Vicente [1]. Os repáros do Sr. Figueiredo da Guerra, pelo tom delicado que os enquadra, pareceram-me dignos de registo.

Camilo diz-me:

---

1 Com o sub-titulo de *embargos á phantasia do Sr. Theophilo Braga*, Camilo publicou mais tarde este seu estudo na primeira parte do seu livro *A Corja, continuação do Eusébio Macario* (poetas e raças finas) *pp. 1-51*. Porto, 1881.

SEXTA CARTA

Camilo telegráfa-me de Famalicão nos seguintes termos:

Acharei commodo regular em
Ancora? Havendo-o vou amanhã.

Camilo Castelo Branco.

Êste inesperado desejo de Camilo, para cuja realisação me era concedido um prazo tão limitado, desconcertára-me. Ancora era a esse tempo uma estância balnear de estreitissimos recursos. Havia ali um hotel péssimo, e as pousadas que os moradores do sitio ofereciam aos banhistas eram de uma indigência de confôrto incompativel com o mais acrisolado sacrificio. Comtudo tratei de desindividar-me do encargo. Ajudou-me na laboriosa pesquisa o meu Amigo, Izidóro de Magalhães Marques da Costa, ferventissimo admirador de Camilo. Batemos o alto e o baixo Gontinhães, ajudados valiosamente de alguns práticos da terra. Não aparecia cousa de geito. Izi-

dôro, activo, incansavel, produzia verdadeiros prodigios de informação. O peior era que não encontravamos casa que servisse, ou sequer pousada por mais modesta que fosse, que me afoitasse a fazer atrair, sem risco, sôbre aquela pobre praia, um homem como Camilo, cuja saúde, sempre em grandes abalos, exigia um regime de comodidades, que seria quase impossivel inventar ali.

Contei-lhe o que deparára naquela estância; e dois dias depois, a 5 de Setembro, recebia outro telegrama, concebido nos seguintes termos:

SÉTIMA CARTA

Este telegrama dizia assim:

«Era hotel que eu queria. Agradeço. Escrevo pelo correio.

Camilo Castelo Branco.

Com efeito, logo com data de 4 (?) de Setembro, Camilo escrevia-me a Carta que vai adiante.

OITAVA CARTA

A data desta Carta está indubitavelmente errada num dia. Em vez de 4, deverá ler-se 5 de Setembro, que é o dia em que Camilo fizera expedir de Famalicão o seu segundo telegrama, dando-se por desinteressado do seu empenho, e no qual, como já vimos, promete escrever-me sôbre o assunto.

Alem de tudo isto, é evidente que Camilo reconsiderára no propósito de ir passar uns dias a Ancora, e que esta reconsideração se operára entre o primeiro e o segundo dos seus avizos telegráficos. Já não queria ir. Quantas vezes — quantas! — lhe sucedera isto mesmo em Seide, mandando aparelhar o seu cavalo, e, chegado a Famalicão, quebrar a rédea e regressar a casa?!

Agora, ter-lhe-ia sucedido o mesmo.

A Carta é assim:

Meu am.º e S.r Snr

Expliquei-me mal. Eu não queria alugar casa. Deus me livre. Era um quarto em hotel pois q. vou só. O Fr.co Martins Sarmt.o: já me tinha feito ver as difficuldades na realisação d'um Ideal tão ambicioso. Um quarto em Gontinhães! Lembrei-me, porém, que haveria isso em um novo Hotel (pref.) que

se inaugurou. Não tenha V. Ex.ª mais incommodo com isto. Por entre a sua carta vi a planta, a ethologia e a mesologia de Ancora. Desanimei e ja não iria de boa vontade.

Abraço-o pelos favores que me fez excedentes ao que eu pedia.

Disponha do de V. Ex.ª

S.
1/9/83

Am.º grato

Camillo Castello Branco

NONA CARTA

Camilo escreve-me do Porto, para onde lhe enviaram, de Seide, uma carta minha.

Nesta carta fazia-lhe eu algumas perguntas a-respeito das lacunas discretas que Frei Luis de Sousa guarda quanto aos nomes dos fidalgos porcalhões e clerigos de costumes soltos e suja vida que o Arcebispo encontrára na visitação, atirando com as culpas de um tal silêncio sôbre as largas costas de Frei Luis de Cácegas.

Eu andava desde muito lidando inutilmente nesta dura e áspera ceára; e até então só lográra reconstituir a identidade pessoal daquele fulano Benavides, que por borrachão o Prelado alcunhara de *bene bibis* e *male vivis*, [1] valendo-se, como de seu costume, das suas habituais *derivações*, como lhes chama o seu

---

1 *Liv. III, cap. XVII.*

biógrafo, algumas delas muitas vezes grosseiras, e de ordinario sem graça nenhuma. Esse Benavides de *bem-beber* e de *mau-viver*, era um clerigo de costumes fragueiros, pagão de instintos e de sentimentos, do ramo e casa dos Calheiros de Ponte do Lima, familia ilustre, que somente desde 1735, pelo casamento de um dos seus representantes, Pedro Lopes de Calheiros e Benavides, com a senhora D. Maria Quiteria de Lyra e Menezes, filha de D. António Jacinto, senhor de Lyra no reino da Galiza, trocára o Benavides por o Menezes por o achar de mais alta prosápia. Os outros, tanto o *Cabrão da Silva*, como o Bailio a quem o Arcebispo chama *Vadio*, e alguns mais assim tão mal-tratados por meio de identicos equivocos, esses haviam ficado fóra das minhas pesquisas. Camilo era um particular e curiosissimo esmeuçador destes casos pessoais, pela sua larga convivencia com nobiliarios e outras peças linhagisticas do genero das que, pela sua falta de hipocrisia, o P.^e^ D. Antonio Caitano de Sousa achava dignas de fôgo. Recorri portanto a Camilo. A sua resposta vem envolta na dilacerante revelação da sua já ao tempo bem agravada desgraça doméstica. Seu filho Jorge enlouquecera. O desventurado Pai sentia no coração, mais dura que nunca, a terrivel garra da Desgraça. Comtudo promete dizer sôbre o meu caso alguma cousa.

E eis o que êle me diz:

Meu am.º

Porto, 27. 10. 1880.

Recebo a sua carta enviada de S. Miguel de Seide.

Desde que meu filho perdera a razão, perdi a memoria. Assisto espantado a este deploravel phenomeno da besta, quero dizer, da alma humana. Volto brevemente para Seide. Só de lá poderei dizer-lhe alguma cousa acerca do que deseja saber, se entre os meus livros houver algum que me esclareça. Parece-me que li isso onde quer que fosse. Até breve. Collega e amigo, C. Castello Branco.

DECIMA CARTA

Camilo responde a uma pergunta minha, relativa aos Padres portugueses que se acharam em Trento, alem dos que constavam de uma relação que lhe enviava. Parecia-me que a esse rol faltavam alguns nomes. E dava as minhas rasões.

Camilo, sempre incansavel na sua primorosa obsequiosidade, responde-me assim :

seu presado Amº e collega.

Chegarei ha pouco do Porto, e visitei sem intermissão de tempo a m. pequena livraria para não demorar a resposta á sua carta, visto q terei de recolher-me á cama para me desconstipar. Nas "Memorias para a historia d'el-rei D. Sebam" por Barbosa Machado, tom. 1º pag 357 e seg. encontra V. Exª nomeados os portuguezes concorrentes ao C. de Trento; e o mesmo na "Historia Sabathica" de Fr. M. dos Santos pag 43 e seg. Para a biographia de alguns desses portuguezes, Ferreira, Paiva d'Andrade etc consulte os "Retratos e elogios de varoens e donas"

e tambem em muita desconfiança o Claus-
tro Dominicano.

Disponha com muita affei-
ção do seu pequeno auxilio, e creia
que me dá muito prazer.

De V. Ex.ª

Am.º obg.º e admor

Camillo

M.G 21/11/80.

DECIMA PRIMEIRA CARTA

Esta Carta é um como que natural complemento da anterior.

E' assim :

DECIMA SEGUNDA CARTA

Entrára o ano de 1882.

Por este tempo fazia eu publicar em folhetins n'*A Actualidade*, do Porto, um *conto*, ou cousa semelhante, cujo protagonista era um póbre rapaz ingénuo e romântico, o qual depois de haver concluido o seu curso de Direito em Coímbra, sem nunca procurar fazer inclinar em seu favôr a benevolencia dos seus mestres, se perdera loucamente de amores por uma menina da sua terra, filha-segunda de uma Casa nobre, de resto tão mal favorecida da fortuna como êle, mas muito mais esperta, e bem mais conhecedora da filosofia do seu tempo que o desditoso bacharel. A qual menina, pôsto que vagamundeando por conventos de muita religião e recáto, lhe saíra uma grande e mui acabada matreira.

E, assim, emquanto ouvia as ardentes protestações que o namorado lhe ia gemer á grade dos seus santos retiros, lisongeada porventura em seu intimo pelos extremos daquela nobre cegueira amorosa, ia

tentando vôos de melhor negócio por outras partes, atraida pelos rebates de um auspiciosissimo enlace com que uma sua irmã, antiga praça da reserva das milicias de Cupido, a ia fortalecendo, acoroçoando-a, em rasão desta prometedora façanha, a cortar a fragil amarra que a prendia ao mancebo, logo que a intermediária de tão suja falcatrua achasse ventos de monção. Um dia, porem, pressentindo que o seu cálculo não falhára, despediu sumariamente o poeta, esperando á primeira voz o suspirado milionário. Julieta, convertendo o balcão de Verôna em tenda de mercieiro, mandára assim passear o seu Romeu. Este, educado no convivio das novelas romanticas em que os namorados iam para o sacrificio do amôr coroados de rosas cantando a dôce toáda que lhes vinha ou presumiam vir do ceu, apanhou em cheio a afronta sem dar um publico testemunho da sua decepção. Chorou de vergonha sôbre as ruinas do seu passado encanto. No primeiro momento em que se conheceu senhor dos seus actos, e pois que já não havia conventos onde fôsse curar, entre cilicios e sarçais, a amargura do seu desengano, lançou-se num ímpeto de nobre desespero á áspera batalha da vida, fazendo-se advogado, jornalista, tradutor de novelas, professôr. Assim aturdido, cêdo esqueceu a infâmia. E' neste passo que lhe chega a noticia da morte de um tio muito rico, que o institue seu unico herdeiro. O moço, já transfigurado pelo trabalho, sente a influência de um alto e sobrenatural poder colaborando na obra da sua desafronta. Na clareira assim aberta no meio do seu labutar febril reconhece a vara de uma alta Justiça vingadora.

A menina, porem, sua antiga noiva prometida dos anjos, sabedôra do estranho sucesso, tendo esperado baldadamente que o embuste preparado pela

mana désse o decidido alento ás suas ambições, resolve ascender de novo ao seu balcão de Verôna, não para discutir com Romeu se é da calhandra ou do rouxinol o canto que irrompe dos balsêdos, mas sim para dizer-lhe que ela ali está, mais terna que nunca, no seu pôsto de sacrificio e de abnegação. O bacharel, cicatrisadas com lágrimas as feridas do seu desengano, escreve-lhe uma carta, que Camilo reconhece logo não ser obra de fantazia.

A carta de Camilo é assim:

1 Em 1876. *Conf. II. Carta* pp. 41-45.

DECIMA TERCEIRA CARTA

Neste mesmo ano de 1882 convidava-me Tomás Ribeiro para o substituir n'*A Actualidade*, em rasão de Fontes o ter nomeado Governador Civil do Porto, e não poder êle, por virtude deste facto, continuar á frente daquele jornal.

Eu era, ao tempo, o correspondente de Viana para aquela gazeta. Boas ou más, Tomás Ribeiro atentára nas minhas cartas, o mesmo fazendo por esses dias Pinheiro Chagas, que chegou até á extrema delicadesa de as mandar transcrever no *Correio da Manhã*, e não tanto pelo que em materia noticiosa essas cartas se afirmassem, senão que pelo desassombro e independencia que elas revestiam.

Respondi a Tomás Ribeiro, dizendo-lhe que não podia aceder ao seu honroso convite, visto que tendo aquele jornal uma feição acentuadamente partidaria, eu, que não era politico, me sentia inibido de ir ocupar o pôsto, que êle, assim, acabava de deixar a descuberto. Que, em materia partidaria, não me sen-

tia atraído por nenhuma das duas fações que exploravam os espinhos do executivo. Fontes, autoritário, pomposo e vaidosissimo, regendo os seus correligionários como um quarteleiro rége uma caserna, dirigindo-se sempre ao seu publico como quem lhe fala de um quarto-andar, não me inspirava a menór simpatia. José Luciano, com o seu aspecto de cabecilha de aldeia, era-me absolutamente odioso, não por certo como pessoa, senão que por ser camarada de Barros Gomes, a quem eu sabia dever os alvitres canalhas com que, em Viana, êle ateára havia pouco o ódio dos miseraveis que constituiam a côrte de um bandido que ali exercera, emporcalhando-as, as funções de Governador Civil.

Redargüiu Tomás Ribeiro, dizendo-me que pois eu assim era incompativel com o Fontes, mas muito mais incompativel com a gente do Barros Gomes, essa virtual hostilidade com os progressistas, lhe servia bem, para eu ir tomar o seu logar n'*A Actualidade*.

Fui.

A minha súbita aparição no Porto não agradou, nem podia certamente agradar, á familia jornalistica da terra. ¿Quem era eu? — perguntava-se com maliciosa e mal disfarçada ironia. Ninguem sabia responder. ¿Então no partido regenerador do Porto não havia um jornalista bastante experimentado, que fosse continuar n'*A Actualidade* a obra politica de Tomás Ribeiro? Forçoso se tornava que o fossem buscar fóra, e, sobre tudo a Viana, cuja esterilidade em materia de letras era proverbial?

Conhecedor desta mal dissimulada hostilidade, entrei para a redação da gazeta, à rua do Bonjardim. Nunca mais tive, em jornais, tão lial, tão amiga e tão fraternal companhia. Achei todos os braços abertos,

a buscarem-me, tal como se de muito me conhecessem!

Os jornais do Porto encontravam-se a esse tempo muito bem representados. N'*O Comercio do Porto* escrevia sôbre finanças o professor da Politecnica, Rodrigues de Freitas. *O Comercio Portuguez* estava a cargo de Borges de Avelar, polemista de rijo pulso, ousado, aventureiro, temido, formidavel e aguerrido campeador dos antigos terços de Guilherme Braga e de Urbano Loureiro nas barricadas do glorioso *Diario da Tarde* contra os jesuitas. N'*A Folha Nova* escrevia Emigdio de Oliveira, o mais poderoso jornalista que o Porto ainda conheceu, intrépido, cultissimo, decidido. N'*O Jornal do Porto* estava o Dr. Didier, advogado e jornalista de muita ponderação. N'*O Primeiro de Janeiro*, sempre independente e sempre progressista, trovejava de Lisboa Emigdio Navarro. No *Dez de Março* assignalava-se A. Sá de Albergaria, jornalista de grandes barbas, de aparencia tôrva, especie de cratéra sempre a lance de inflamar-se, mas sempre tambem calmo e composto, assim em seu trato. como nas discussões. N'*A Lucta*, já em sensivel decadência, assistia o Castro Neves, funcionário superior da Alfandega, misantropo e com cára de poucos amigos. N'*A Palavra*, os irmãos Mesquitas, acolitados de alguns respeitaveis sacerdotes sob a aza religiosa do devotissimo Conde de Samodães. N'*O Jornal da Manhã*... ninguem.

Alem deste lusido pessoal editorial, havia tambem nestes jornais um avultado corpo de colaboradores de mérito, que constituia como que a sua segunda linha. Assim, n'*O Comercio do Porto* escreviam Gualdino de Campos, já com fama e creditos no oficio, Acacio Pereira, que balbuciava, Manoel Maria Rodrigues, o fecundo e laureado autor da *Rosa do Adro*,

que conta hoje mais edições que todas as obras de Paulo Sabatier e de Renan. Como colaboradores literários, de ostentação, assistiam no mesmo jornal Vilhena Barbosa, o Visconde de Benalcanfôr, e o Dr. Flórido Teles de Menezes e Vasconcelos.

N'*O Primeiro de Janeiro* havia João de Oliveira Ramos, antigo companheiro de Germano Vieira de Meireles nos incertos primórdios daquele jornal, prosador conspícuo e assiduo frequentador de camarins suspeitos, na sua qualidade de critico musical nas monções liricas do Teatro de S. João. Ao seu lado trabalhava Luis Botelho, escrevendo noticias de ocorrencias futeis nuns primores de estilo abundante e requintado; o qual estilo, pelo seu descabimento e discordância com as matérias versadas, levou um dia Junqueiro a dizer-lhe com solenidade, que êle, «no *Janeiro*, se intertinha a construir cloácas com marmores de Carrara.» Emigdio de Oliveira, n'*A Folha Nova*, chamava-lhe por esse tempo *o santo*.

N'*O Comercio Português*, entre vários anónimos notaveis, oficiava Firmino Pereira, que então perpetrava sem fortuna os seus primeiros ensaios jornalisticos.

N'*A Actualidade* colaboravam Alfredo Matos Angra, Julio de Oliveira, José Augusto Coelho, Julio Gama, Machado de Almeida e Francisco Carrelhas.

Afóra esta colaboração efetiva e exuberante possuia o Porto desses dias um verdadeiro enxame de poetas errantes, que a toda a hora se permitia zumbir pelas redaçÕes dos jornais de melhor fortuna. Era um como bando de andorinhas, que andava ensaiando a aza como preludio que devia preceder a sua arrancada luminosa atravez do Espaço, na demanda das regiÕes da Glória e do Ideal.

Assim, Junqueiro, a quem Luis Botelho, em paga

dos «marmores de Carrara», chamava nada menos do que *o Hugo portuguez*, com o seu ar profético, o seu verbo *μεγαλοῤῥημένως*; Manoel Duarte com as suas miniaturas liricas; António Feijó, revendo as suas afinidades com Gonçalves Crespo — sempre que qualquer deles, ou todos, acertavam de passar no Porto, o seu ninho habitual era construido nos beirais d'*O Primeiro de Janeiro*. Hamilton de Araujo emitia os seus carpidos n'*A Folha Nova*. Joaquim de Araujo não tinha poleiro certo; entrava em todos os escritorios, dando numa voz cadente, levemente velada, a noticia dos livros que andava preparando, um sôbre Antero, e outro mais profundo e menos filosofico, a respeito do *Cavaleiro de Oliveira*, tudo isto proferido num confuso descritivo de confidencia e de injusto infortunio.

Igualmente errante e sonoroso vagueava o poeta Henrique Marinho, amanuense perpétuo em um dos bairros da cidade ingrata. Marinho era um vate de mui complexas qualidades e dos mais desvairados méritos, predominando nele o genero funebre, elegiaco, a ponto de lhe chamarem alguns mal-dizentes *O Epicedio*. Alem disso era baritono, pôsto que de precários dotes vocais, o que o não impedia de, na sazão própria, abrilhantar com os seus cantos funerarios os *Clubs* de Leça e Matosinhos.

Tinhamos tambem o Diogo Souto, poeta de incontestavel merecimento, de um trato primoroso e delicado.

Afóra este ultimo, eu não conhecia, nem de nome, nem de vista, os meus futuros companheiros, e porventura meus presumiveis adversarios. Nenhum. Esta situação embaraçava-me. Diziam-me ao ouvido temerosamente, com este satánico prazer de dar uma noticia desagradavel, que eu ia ser recebido na ponta

das espadas por alguns desses legionários mais insofridos. Resignado, aguardei o momento da investida. Esse momento, felizmente, nunca chegou.

Para agravar ainda mais, no Porto, o meu noviciado jornalistico tinham-se lembrádo os estudantes e os dirigentes mais activos do bando republicano que então tinha como seu orgão valioso *A Folha Nova*, de fazer celebrar por uma fórma ruidosa, imponente, a data do centenario da morte do Marquez de Pombal. O intuito remoto deste alardo era muito menos o de glorificar o nome de Sebastião José de Carvalho, do que saír de rôsto aos representantes do grupo clerical com quartel no bairro da Sé, e mais particularmente á patrulha jezuitica, cuja manifesta insolência, pela cobardia ou cumplicidade dos Governos, começava já a desenhar-se na imprensa por uma fórma irritantemente ameaçadora.

Não há duvida de que a investida com um semelhante genero de adversários constituia um acto não só de profilaxia social, mas de inteira e absoluta justiça. Não ha dúvida. O orágo escolhido, porem, para servir de patrôno de semelhante fésta, é que revestia o caracter de um autentico e verdadeiro despropósito.

Que os republicanos, em luta aberta com os bandos negros de Loiola se lembrassem de festejar com justificado aplauso qualquer das datas sempre memoraveis de 28 de Junho e de 3 de Setembro de 1759, ou ainda a de 9 de Setembro de 1773, em que Portugal aceita a Bula de Clemente XIV. *Dominus, ac Redemptor noster*, de 21 de Julho do mesmo ano que extingue a *Companhia de Jesus* em todo o orbe católico, vá, compreendia-se. Se era com os jesuitas o ajuste de contas, essa rememoração histórica diria tudo. Mas Pombal!

Tal como nos sucede no convivio da sociedade, todos nós temos na História as nossas amisades e as nossas antipatias [1], isto é: — pessoas com quem tratamos e com cujos sentimentos nos sentimos em conformidade, e individuos com os quaes não queremos nenhuma especie de ligação ou convivio. Se, para mim, no grupo dos primeiros, estão Coligny, Miguel d'Hospital, Milanchton, Teodoro de Bèze, para não falar senão de confessionais; á frente dos segundos, na cabeça do rol, impuzéra-se-me sempre a figura odiosa do Marquez de Pombal. Não é pela sua tirania que eu o detesto, por isso que os tiranos são, de ordinario, como já o sentia Tibério, [2] os menos responsaveis das sua acções, desde que é á sociedade que os toléra e por vezes os inventa, que a filosofia da História deve ir buscar a rasão, o fundamento mesmo, dos seus crimes. E' o meio, pela sua preversão moral, que prepára a tirania, e não o tirano que se impõe ao meio que o hostilisa. O ambiente social é sempre o cumplice, o fermento preversivo, que transfórma ás vezes um mediocre audacioso num usurpador insolente e sanguinario.

Não; não era, pois, pela sua bestial crueza de féra, de carrasco, de lictor, de pretor infame e covarde, que eu já então o abominava, senão que por ladrão. Teem-no os seus admiradores comparado a Sully, a Aranda, a Campomanes, a Choiseul, a Tanucci. O confronto é sandeu. O Duque de Choiseul vende as

---

1 «Não ha historiador, por mais imparcial e austero, que não tenha predileções a que não póde esquivar-se, já por certas epocas, já por certos individuos.» Sousa Viterbo: — *Trabalhos Nauticos dos Portugueses nos seculos XVI. e XVII. I. p. 7* Lisboa 1890.

2 *Tacit. Ann. III. LXV.*

joias da esposa para pagar as suas dividas; e Tanucci, ministro dos dois reis de Napoles, D. Carlos de Espanha, e de seu filho Fernando IV. pelo espaço de quarenta e tres anos, tendo sido Regente do Reino durante a minoridade do Principe, e Governador das Duas Sicilias, sai do poder pobrissimo. Pombal, Ministro de D. José, em pouco mais de metade desse tempo, atinge a opulencia á hora em que os sêlos do Estado passam das suas mãos tintas de sangue e de lama ás do seu sucessor!

Quaisquer que sejam os meritos de um homem publico, se êle, ao entrar na vida politica é pobre, e dela se retira rico, esse homem, seja êle quem fôr, é um ladrão. E Pombal foi um desses criminosos. Se a honestidade constitui, de per si, um predicamento essencial de todo o cidadão, esse predicamento no homem de Estado transfórma-se num imperativo dever, tanto mais grave quanto é no seu exemplo, de vida e de costumes, que a moral nacional vai beber os fundamentos da sua educação e dos seus estímulos. O Povo, que não lê livros, que não é filosofo, que não é pensador, é pela conduta das suas figuras representativas, e pela impunidade dos seus actos criminosos, que compõe e regúla as suas ações. São tais figuras os seus tratados vivos de moral colectiva, de dignidade histórica, de brio e de pundonor pessoal.

E Pombal, de calções rôtos, como dizia D. Luis da Cunha, quando entrou ao serviço de D. José, e saindo do paço como senhor de uma das maiores casas do Reino, tornou-se num espelho de bandidos, futuro e atractivo exemplo de egual genero de publicos ladrões. Talvez fosse por isto mesmo, que nas *Ordenações do Reino* se prescrevia muito previdentemente, que o cargo de Regedor da Casa da Supli-

cação, por ser o maior Tribunal da Justiça do Reino, devesse andar sempre em pessoa nobre, de bom sangue e «assi deve ser abastado de bens temporais», de modo que «a sua particular necessidade não seja causa de em alguma cousa preverter a inteireza e constancia com que a El-Rei deve servir»; [1] dandose bem a perceber, que um logar que obriga a entender em muita fazenda, não póde, pela ambição e pela baixa cubiça de homens costumados a viver do alheio por nada terem de seu, ser confiado livremente a aventureiros de capa-remendada, prontos sempre a meter as mãos no que é dos outros, preparando, pela conivencia dos seus cumplices, a segurança da sua pessoal impunidade.

Desde D. Hermigio até D. António Carneiro e D. Alvaro de Castro, e desde estes até D. Antonio de Ataíde e Pedro d'Alcaçova Carneiro ;— isto é, desde D. Afonso Henriques até D. Manoel e seu filho, D. João III ; ou talvez ainda, desde o filho de D. Manoel até D. José, nunca em Portugal, até então, quer se apelidassem *Villici Curiae*, quer Vedores ou Ministros da Real Fazenda ou Escrivães da Puridade, com lidarem com muitos dinheiros, e pôrem as mãos em mui desvairados negócios, sairam estes homens dos seus oficios com aumento sensivel da sua fazenda. Só nos meados do século XVIII. Pombal inaugura entre nós o ciclo dos ministros fraudulentos, que entrando póbres nos inicios do seu cargo, saiem de lá ricos e opulentos. Este, então, tendo começado a entender no Herário de El-Rei, tal como no-lo desenham os seus contemporâneos mais indulgentes, aparece, á

1 Orden. Liv. I. Tit. I., *in principio.*

morte de D. José, com uma das maiores fortunas de Portugal! Onde ganhou essa opulência?

Bem sei, bem sei, que a semente desta árvore maldita não vai, de então até hoje, gafada de esterilidade. Bem sei, bem sei...

Assim, pois ¿como associar-me aos festejos com que a incompleta e viciada educação literaria de alguns moços, no tresvalio da sua campanha contra os jesuitas, se lembrou de celebrar em 1882, no Porto, a memoria do conspurcado ladrão que, de volteiro noturno e de ruão de suspeita fama, volvia após vinte e sete anos de gerente dos dinheiros da nação, em caçadôr de vocações vinculares, e, por ultímo, em Marquez, ensopando as mãos no sangue dos que o ameaçavam de cortar-lhe o passo?

Isso, não!

Mas o Porto estava ardendo em *pombalismo*, e não era facil empresa surgir-lhe alguem ao caminho com vozes que encontrassem o seu fervôr inconsciente. Era perigoso. Quem se atrevesse a tocar-lhe no idolo, corria o grave risco de ser lapidado na praça como agente, fautor, ou o que quizessem que fôsse, da *Companhia de Jesus*.

¿Qual, no apêrto desta conjuntura, cumpria que fosse a minha conduta? Incorporar-me no séquito para, em hora tão mal cabida, não exteriorisar a minha aversão pelo Marquez? Jamais! Calar-me? Isso ainda era mais vil. Sair de rôsto aos rapazes, cujos brados áquela hora toda a imprensa local aplaudia, arguindo-os do ilogismo daquela manifestação?

Todavia o perigo deste passo não me embaraçava. Eu precisava, alem disso, de dizer aos jornalistas do Porto, curiosos, expectantes, reservados, quem era o anónimo escritor d'aldea, que Tomás Ribeiro, sem-

pre poeta, fôra buscar, para o substituir, ás margens do ignorado Lima.

Escrevi então o meu artigo, um longo artigo, muito pensado, muito calculado, em que me mostrava profundamente hostil ao patrono da função. Esse artigo era assim concebido:

«Refere-nos o escritor grego Herodiano, nas suas *Histórias*, (Lib. IV., 3) que nas solenidades da Apotheose—uma consagração de caracter religioso, que tem muitos pontos de afinidade com as modernas festas triunfaes, cívicas, agora resurgidas, e em que os povos ou os estados celebravam os altos merecimentos dos seus heroes — se costumava representar em cera o preconisado, (*sed ceream imaginem defuncto quam similimam fingunt*), lançando-se assim, a sua imagem, ao fogo, no meio de um ritual grave, muito composto, entre as estrepitosas aclamações da multidão. Quando a chama se evolava, e a cera se derretia, tomava um dos presentes, a seu cuidado, soltar uma aguia, como que a representar o derradeiro vôo da alma daquele que, naquela data, era promovido a nume.—...*simul cum subjecta igni, aquila demittitur, quae in cœlum creditur ipsam Principis animam deferre.* Um espectaculo servil, baixo, indigno.

«Nas solenidades modernas, sem caracter algum religioso ou político, a consagração dos respeitos nacionais prestada à memoria dos grandes homens não está, em muitos pontos, isenta destes defeitos. Se é verdade que ninguem solta realmente a águia, como que a denunciar o prodigioso ascendimento do verme à categoria dos imortais, é todavia indubitavel que existe uma certa propensão para exagerar e

engrandecer os feitos e as qualidades daqueles cujas acções, preclaras ou singulares, se celebram por um modo tão imponente.

*

«A ideia de festejar o centenario do inflexivel e implacavel ministro de D. José fica bem em ter partido da classe escolastica,—classe em que a mocidade desperta com os seus entusiasmos faceis e espontaneos, alegres, irreflectidos, generosos sempre. Formosissima quadra, em verdade, em que até nestas comemorações o seu espírito despreocupado se revela!

«No entanto, quando, a frio, a serena e tranquila razão descer sobre os factos a que a potente individualidade de Pombal imprimiu um cunho proveitoso ou sinistro; — quando os que hoje são moços e ámanhã forem velhos, baixarem os olhos, com a luz do seu luzentissimo espírito sobre a história literária, política e economica do século passado, procurando não já o heroi preconisado na liturgia das Apotheoses, o imortal hoje feito de cera, para melhor poder figurar nos modernos ritos, — mas o ministro orgulhoso e vingativo que arrancava a Inquisição à superintendência dos pontifices para estar subordinada, como instrumento seu, à simples autoridade régia; — que mandava queimar, pela mão infamante do carrasco, na praça pública, as *Fabulas* de Lafontaine que não lera, o livro *De Cive* de La Mettrie, que não conhecia e os escritos de Shaftesbury, que era incapaz de compreender, — que fazia papel de rei em Coimbra; que mandava torturar os fidalgos que detestava por inveja e oprimia sem o menor sentimento democratico, — que fazia queimar vivo, «com uma ferocidade ridicula,» como lhe chamou Voltaire,

o idiota Malagrida; que afrontava a memoria do Doutor Velasco, por êste sábio jurisconsulto sustentar no seu livro da *Justa Aclamação*, que «o poder dos reis está e reside nos povos, e destes o recebem eles imediatamente;» — que foi mais cruel com o Duque de Aveiro do que D. João II. o fôra com D. Fernando de Bragança; — que mercadejava com a autoridade do seu alto cargo, enriquecendo como o publicano mais pervertido, — certamente verão que o heroi não vale tão rendidas demonstrações, acusando, neste momento, o olfato menos delicado, não já o cheiro da cera, conforme a usavam os escravos da Roma cesárea ou os preconsules da cidade servil, mas o de sangue que necessariamente ainda se ha de exalar da sagrada píra, que hoje a mocidade acende em honra do homem feroz, que maior pasto deu às fôrcas e aos ergástulos do tempo de D. José.

*

«Tudo isto nos avisa e adverte de que sómente aos herois pacificos, aos poetas, aos descobridores, aos sabios, aos inventores, aos operarios do Bem, aos mártires e apostolos da Industria ou da Sciencia se devem alçar estas solenidades.

«Os homens públicos, quer se chamem Richelieu ou Cromwell, quer sejam Mazarino ou Fouquet e quer se aplidem Necker, Colbert ou Pombal, deixam sempre um rastro de sangue ou de misérias no seu caminho, embora, por vezes, glorioso.

«O reedificador de Lisboa, que mais alto proveito soube tirar dos pensamentos políticos de D. Luís da Cunha, dos trabalhos de Ribeiro Sanches e dos talentos de Verney e Alexandre de Gusmão; — o homem vaidoso, que a si mesmo se chamava *cle-*

mente, quando mandava esquartejar por quatro cavalos, num terreiro de Lisboa, o desgraçado Batista Pele, escondendo-se atraz da personalidade abjecta de um Rei egoïsta e corrupto; o heroi que na frase de D. João V. «tinha cabelos no coração» e que mais fundo soube incutir o terror monarquico pelas teocracias reais; — «esse homem extraordinario, mas não verdadeiramente grande», como o caracterisa o mais seguro pulso da literatura portuguesa, — deveu principalmente às raras e excepcionais condições do meio em que vivera, aos dotes assinaladamente prodigiosos da sua actividade, a fama com que uma crítica mais apaixonada que sincera o vem celebrar hoje em dia.

«Homem extraordinario, terrivel, em cujo coração de ferro nunca penetrou a clemencia nem entreluziu a benignidade, não lhe empanemos os triunfos com o testemunho, embora fundamente convicto, do nosso desafecto. Trabalhadores saídos do povo e para o povo, tão alto erguemos a nossa voz contra os que o oprimem em nome de um principio chamado divino, como contra os que o flagelam por impulsos de vinganças pessoais.

«Se o concurso de circunstancias tão imprevistas como extraordinarias nos transformou, quasi no ocaso da vida, em operarios humildes da publicidade, temos como um dever sacratissimo não desvirtuar a História, nem a preço de solver agravos com instituições antipaticas ao grandioso sentir moderno, distrair da sua corrente limpidissima essa influência, quer seja social, quer misologica, quer perfeitamente humana, em todo caso essa força psicologica, invencivel, que determina nos povos as mais assinaladas revoluções.

«Na hora solene da pacifica evolução que põe no

Direito e na Liberdade as mais correctas caracteristicas da perfectibilidade social; no momento em que um século decrépito e scetico menos confia nas formulas subjectivas e convencionais dos estados, para tudo esperar, como pensava Melanchton, do suprêmo arranque da consciencia humana: — nesta hora tremenda e porventura memoravel, em que não há herois de castas nem grandezas que se nos imponham pelos titulos, embora vetustissimos, de uma magestade tradicional; — que só os sábios, os justos, os magnanimos, os incompativeis com todas as torpezas, como se canta na celebre e formosa elegia de Manzoni, devem ser os respeitaveis, os semi-deuses, os espelhos deste pobre e ignorantissimo povo, não temos vozes nem aplausos para o homem-de-sangue, que aqui, nesta terra generosa, donde primeiro saíram os barineus para ajudar os homens do Condestavel e desafrontar, numa expansão de nobilissimo entusiasmo cavaleiroso, as damas da côrte inglesa; — nesta terra sempre leal e honrada mandou levantar os mais infamantes instrumentos do suplicio contra os que dissentiam da sua autoridade singular.

«Mas... cuidado! — que o prestito grandioso, honrosíssimo, que hoje lhe vem exaltar o nome de um modo tão excepcional e tão cheio de responsabilidades, não passe com os coros epopêiacos da sua Apotheose no terreiro de Miragaia ou ás portas do Olival.

*

«A Imprensa toma lugar na cerimonia honrosa. Vai em nome da liberdade de exame?

«Vai em nome do seu direito.

«No entanto aquele homem, aquele Ministro inflexivel, a quem um grande publicista francêz, o

conde de Saint-Priest, chamou «cruel e o maior inimigo da sua propria gloria», foi o mais forte perseguidor da liberdade de opinião, prometendo as mais lisongeiras tenças aos alcaiotes que viessem denunciar aos seus esbirros a menor confidencia dos que menos mal sentissem dos seus actos.

*

«Esmagou, venceu e desterrou os jesuitas.

«E' verdade.

«Se não houvesse outro módulo para lhe medirmos a estatura de gigante, o pulso de ferro, a sua inflexibilidade extraordinaria, bastaria o facto da promulgação da lei de 3 de setembro de 1759 para no-lo atestar.

«Que acto de incomparavel energia não teria sido esse — o de quebrar o colosso negro, que vinha, de novo e manso, como nos tempos do cardeal-infante, enlaçar a côrte e perder o povo, se atraz, no fundo dessa luta tenebrosa e férrea, não estivesse o vulto sordidamente repugnante de Francisco Xavier de Mendonça, irmão do valido terrivel, o insolente Capitão-General do Sacramento, com os seus planos de absurda tirania nas partes do Paraguay!

«Como a reconhecida má-fé, a proverbial intriga dos filhos de Loiola prepararam um dos mais solidos triunfos de este homem excepcionalissimo!

«Que seria dessa victoria, se aqueles sinistros padres se contentassem em defender os seus incombativeis direitos ao seu padroado nas vastidões luxuriantes e amplissimas da America do Sul!

*

«Lê-se em Cornelio Tacito (*Ann. LXV. 67*) que naquele sanguinario inquerito levantado em Roma, no tempo de Nero, para descobrir todos os cumplices da desgraçada conspiração de Pison — quando Seneca tremia, Lucano hesitava, Cervario, da Ordem Equestre, descia à miserandissima situação de delatôr — houve um tribuno, de nome Subrio Flavio, que sendo chamado à presença do tirano, para dizer a razão porque assim traíra os seus juramentos políticos, estas ou semelhantes palavras proferira:

— «Conspirei contra o poder porque te detesto. Nenhum soldado te foi mais fiel do que eu, enquanto foste digno de ser amado. O ódio despertou em mim no dia em que te vi parricida, assassino de tua mulher, histrião, cocheiro, incendiario!» — *Oderam te, inquit. Nec quisquam tibi fidelior militum fuit, dum amari meruisti: odisse cœpi, postquam parricida matris et uxoris, et auriga, et histrio, et incendiarius existitisti.*

«Na vasta alagôa de sangue que cercava o tribunal daquele imperador impudentissimo soáram aquelas palavras, diz Tacito, como o mais formidavel dos discursos — o unico que mais a-fundo, penetrou o ânimo do principe. *Nihil in illa conjuratione gravius auribus Neronis accidisse constitit.*

«Quando os filosofos, os estoicos, tremiam diante dos suplicios, os consules se humilhavam e os mais firmes se vendiam, este soldado, rude, sabino, mas heroico, eleva-se à mais alta veneração das idades.

«Onde haverá o bronze que ha de fundir a estatua deste ilustre desconhecido?

«No entanto, que fez o marquês de Pombal, esse homem de ferro, como lhe chamou Herculano, e que nunca soube perdoar emquanto dispoz da chave dos ergástulos ou das algemas, das enxovias, do cutelo, dos verdugos ou do açoite dos carrascos, do pôtro das torturas ou da palha das fogueiras; — ¿ que fez esse homem «que tinha cabelos no coração» quando se viu enredado num processo que lhe concedia respeitos devidos ainda à sua gerarquia, e que apenas lhe faria presumir um desenlace afrontoso?

«Tomou a heroica responsabilidade dos seus actos de crueza, justificando-os com o aperto e dificuldade dos tempos? Mostrou-se sereno, de uma severidade austera, impoluta, como homem cuja fronte recebe já, em cheio, os primeiros clarões da Posteridade e desafia a justiça da terra no pleito da sua inocencia, atravez da perpetuidade dos séculos? Foi grande, ferreo, altivo na desgraça, solene diante da morte, ainda a mais ignominiosa, como o foi o duque D. Fernando de Bragança, deante do cadafalso de Evora? Foi tudo quanto fôra nos dias da sua excepcional fortuna, quando a desgraça, o exilio ou a morte lhe tomavam o passo?

«Não.

«Foi um covarde.

«Escreveu então uma carta humilhantissima a uma Rainha demente, implorando a regia misericordia!

«Saía emfim, pela primeira vez, daquela boca, ao fim de tantos e tão trabalhados dias, aquela palavra santissima em que, como num espelhamento se devem remirar os espiritos angelicos. Saía então, não para pedir por um desventurado, por algum oprimido, dos muitos que êle vexára com o despotismo feroz do seu absoluto poder, mas para êle, para o cobrir no derradeiro lance da sua longa vida!

«De ferro, de bronze, de sangue, quando imperava e oprimia como um tirano sem entranhas; de barro, de lagrimas, de lama, quando a desgraça o cerra e a justiça lhe pede contas! Nem sequer se compoz pelo heroismo trágico do infeliz Malagrida, inquebrantavel no seu absurdo, vergonha para renegados, voz de clemência para quem não fosse cruel e friamente opressor!

Nem isso!

. . . .

«Lugar ao cortejo que passa.» [1]

*

Mandei este artigo a Camilo. De Seide vieram-me estas palavras:

---

1 *A Actualidade* n.º 103 de 7 de Maio de 1882.

«Estou garatujando um livro que hade chamar-se... O perfil do m. de P.

Vá arranjando p.de no seu coração para a empregar todo um mês, quando o livro romper os diques da generosidade indígena com as m.as Catarinas.

Disponha do seu m.to grato e velho Amigo

C. Castello Branco

*

Mais tarde, quando entre Camilo e o Dr. Calisto se levantou aquela áspera discussão a respeito de Pombal, Camilo dizia ainda:

—«Com referencia ao Centenário, conheço dois eminentes trabalhos, as *Farpas* do Sr. Ramalho Or-

tigão, e um artigo do Sr. J. C. Nenhum destes poderosos escritores duvidou da intelligencia do Marquez de Pombal.»

Notas ao folheto do Dr. A. Cezar Calixto. Porto. 1883. p. 6.

DÉCIMA QUARTA CARTA

Numa noite dos principios de Julho de 1882, encontrei Camilo no Porto. Estava a tomar chá no *Suisso*, botequim então ainda muito frequentado pela já diminuta falange dos intelectuais da terra.

Achei-o muito abatido. Previa já no horisonte da vida o acastelar sombrio das nuvens precursoras da catástrofe. Procurei desvanecer-lhe as fúnebres preocupações por meio de uma conversa que não fosse inteiramente futil. A espaços, Camilo animava-se; mas dentro em pouco volvia à sua insistente e lugubre apreensão — a cegueira. Falei-lhe dos ultimos livros que acabavam de aparecer, colocando à frente dessas novidades, como era de razão, o primeiro tomo da *Galeria de Varões Ilustres de Portugal*, que tratava dos precursores de Vasco da Gama, devido á pena gloriosa de Latino Coelho, por quem, pouco antes, em Seide, eu achára Camilo muito inclinado a admirar-lhe o talento. Encolheu os hombros, e sorriu com amargura. ¿ Pelo que eu lhe estava dizendo ? Por efeito de alguma remeniscencia remota que as minhas palavras lhe avivassem ? Não sei.

Continuei, no entanto, com as minhas informa-

ções, sempre muito cauteloso, é claro, de modo a não levantar controversia. Camilo parecia ouvir-me agora com sensivel aprazimento.

Assim, procurando ler-lhe no semblante o efeito das minhas opiniões, fui soltando com mais alguma afoiteza a vela dos meus conceitos. Disse, então, que o trabalho de Latino me produzira uma impressão de desalento, porque esperava dêle, no assunto, obra mais completa. Que o sábio divulgador de Demóstenes, no seu trabalho preambular sôbre Vasco da Gama, se limitava a pôr em linguagem academica, através de uma erudição fatigante e por vezes prolixa e desnecessaria, aquilo que ha muito anda sabido de toda a gente de regular cultura. Parecia-me o preâmbulo, por monotonamente abundante e fastidioso, descabido em parte, em relação ao tema.

Que era uma lição inutil e extenuante para os erudítos e absolutamente estéril para o restante do publico. Que após a leitura deste livro, ficavamos todos com o que já sabiamos, desde Costa Macedo e Ribeiro dos Santos até Major.

Camilo escutava-me com satisfação. E como eu parecesse concluir, atalhou: — «Mas por que não faz V. uma apreciação assim, tão bem pensada, ao livro do Latino?» Ouvindo-o por estes termos, prometi-lhe escrever no caso aquilo que tivesse por melhor. Que lhe remeteria para Seide o meu estudo.

No caminho, quando o acompanhava ao Hotel, disse-me que me ia fazer enviar pelos seus editores o seu ultimo livro — *Perfil do Marquez de Pombal.*

E vindo a conversa a reverter novamente a materia de reconstituições históricas, perguntou-me se acaso conhecia *A Carta de Marca de João Ango*, que Fernando Palha acabava de divulgar, precedendo-a de um valiosissimo estudo àcerca do *Conde de Castel*

Melhor. E dizendo-lhe eu que não conhecia o livro, em razão de não haver entrado no mercado, e, principalmente, por não ser eu do trato, infelismente, do seu autor, Camilo prometeu-me escrever-lhe para que mo enviasse quanto antes. E assim sucedeu, sendo a oferta rubricada pelo punho do próprio Fernando Palha.

Em tróca do seu *Perfil do Marquez de Pombal*, enviava-lhe eu pouco depois para Seide a minha apreciação a respeito do *Vasco da Gama*, de Latino. [1]

E como a esse tempo (*a 26 de Julho*) aparecesse n'*O Primeiro de Janeiro*, transcrita d'*O Tribuno Popular*, de Coimbra, uma carta do moço academico, Sr. Alfredo Vieira, impugnando o conceito histórico de Camilo a respeito de Pombal, remeti-lhe tambem essa carta infantil para Seide.

Tres dias depois, Camilo dizia-me:

---

1 Este estudo começou a ser publicado n'*A Actualidade*, ao dia 15 de Julho, n.º 157.

Meu amigo

Hontem recommendei ao meu editor a entrega do livro. Hoje escrevo a Fernando Palha para lhe enviar as duas preciosas divulgações em que lhe fallei. A sua apreciação não carece de confronto com o livro apreciado, para se ver q é justa. Latino não gosta d'isto. Immobilisaram-o e empedraram-o com os gabos, ha 30 annos. Parou, á porta da Academia, entre as Decadas de João de Barros e as pesquisas do V. de Santarem. Não vae para diante com mêdo aos gatos.

Alfredo Vieira

é filho da barão de Paço Vieira: Co
nheci-o ha 14 annos creança, e encontro-o
14 annos depois, mais creança e mais
tôlo.

Nem rasgonar...

Mto seu am.º e admor

C. Castello Br.co

S/c
29/7/82

DÉCIMA QUINTA CARTA

Nesta Carta agradece-me Camilo a apreciação por mim feita ao seu livro sôbre *O Marquez de Pombal.* O grande escritor queixa-se agora das ameaças de um amolecimento cerebral, cujos sintomas dolorosamente regista.

Diz-me assim :

S. M. 27/2/85

Meu amigo

Merecia-me eu alguma cousa; mas tanto, não. Obrigado a sua amizade.

Não tenho accusado a recepção dos seus cartões e folhetins porque ha mez e meio que soffro sem intermissão de espaço. Persuadem-me os meus praticos medicos q. estou no 1º periodo de amollecimento cerebral — dores de cabeça, vertigens, caimbras, picadas nas extremidades dos dedos. Quando vier o 2º periodo — o esquecimento e a [illegible] desta, principio a considerar-me relativamente feliz, meu amigo José Caldas.

Estou á espera de algum vigor interior para me transportar para a Foz. Nada espero, mas a minha familia tem illusões que não devo desfazer. Abraça-o affectuosamente o seu am.º

Camillo Castello Branco

DÉCIMA SEXTA CARTA

Continuam as Cartas lugubres.

Camilo mostra-se grato a um longo artigo que eu escrevi a respeito do seu ultimo romance (*A Brazileira de Prazins*) estudando o homem, o escritor e a sua evolução literaria. [1] Diz-me sentir-se ir acabando, sem forças até para escrever. E' uma Carta desoladora.

Fala assim:

---

1 *Bibliogr. Port. e Estrangeira*, *4.° ano* (1883) *n.° S. pp. 41-49*.

Meu prezado Amigo.

Logo que li o seu 1.º art. lhe escrevi com muita agradecida satisfação. Por não saber a sua residencia, enviei a carta ao escriptorio da «Actualidade». Suspeito que não a recebeu, com fortes presumpções de me não responder; e perdôe-me que alguem a leve. / Os seus artigos vão tendo o conceito que a dona da [illegible] e do auctor. Parece-me que é o seu primeiro trabalho de critica de cousas futeis, e chega a fazer que ellas o não pareçam. / Muito obrigado. Sinto-me cada vez mais acabado e sem forças até p.ª escrever.

Velho
muito reconhecido Amigo
e admor.

S. M.
17/3/83

C. Castello Br.co

DÉCIMA SÉTIMA CARTA

Neste mesmo ano de 1883, aí pelos meados de Abril, uma fórte e intensa comoção patriótica fazia vibrar por alguns dias o coração portuguez ainda não de todo liberto da sua nobre tradição romantica. Tudo, porem, não passou de palavras, de vozes soltas, de *straw on fire*, como se lê no *Marino*, de Lord Byron.

O nosso governo tratava por esse tempo de negociar com o gabinete británico um tratado de limites e de navegação do Zaire. O ingles, nosso fiel aliado, entendendo que para continuar na livre exploração do nosso património em Africa não precisava de convenios, bastando-lhe a linha que vinha seguindo desde que nos fins do seculo XVI. nos entregára á Espanha, opunha duvidas, recalcitrava, fazia exigências. Em Londres, os debates dos *afrikanders*, e dos politicos imperialistas eram violentos. Onde, porem, a linha destas hostilidades tomava um aspecto mais insolente e mais brutal era na Camara dos *Commons*. Chamavam-nos ali tudo:— selvagens, negreiros, ladrões, protectores da escravidão dos indigenas, pelintras, em rasão dos estipendios miseraveis que da-

vamos aos nossos representantes; e assim, por este belo sabôr e afinadissimo tom.

Quem, porem, nestas abominações ia á frente do bando mais desmandado era um tal Jacob Bright. Este, então, empregava no atáque contra a nossa soberania em Africa os palavrões mais despejados e a linguagem do cocheiro mais vil.

Assistia em Londres a esse tempo, como adido á Embaixada portuguesa junto do gabinete de St. James, um capitão de infantaria com o curso de Direito pela Universidade de Coimbra, Luis de Quillinan, cujos espiritos ainda não haviam resvalado á vaza daquela vil tristeza, de que fala o poeta. Ouviu as insolencias do borrachão británico; e, ferido em seus brios de homem-de-bem, escreveu-lhe uma carta altiva, nobre, como de quem entende que num soldado portugues a espada não é somente o apendice de uma patente ou o padrão de uma paga, senão que a fiança e o supremo juiz da honra de quem a cinge. Esta carta terminava por chamar-lhe homem sem honra, cobarde e caluniador. Bright, como todos os biltres da sua laia, sorriu, e respondeu a Quillinan que não se batia. Isto, entenda-se, passava-se ainda no tempo em que, em Portugal, um homem que sendo desafiado se não bate, é um miseravel. Eram os ultimos clarões da Edade-Media.

Quando soaram mais perto de nós os ecos deste feito de armas, digno de Galaaz ou de Oliveiros, o nome do capitão portugues foi aclamado com delirio. Ainda havia portugueses! — dizia-se. O valente oficial sente cairem-lhe na alma as lagrimas do mais nobre, do mais sentido e do mais alto reconhecimento dos seus irmãos portugueses.

A apresentar-se aos seus compatriotas que de tão longe o buscam saudar, parte, de Londres para

Portugal, este novo Magriço. Chega ao Porto a 4 de Novembro. Ao apear-se nas *Devezas*, a multidão aclama-o, misturando-se com as saudações grandes desmandos de lingua contra o inglês. Era a nobre loucura que havia de acentuar-se sete anos depois, em brados de irrisória desfórra, por ocasião do estupido *ultimatum* de 1890, origem proxima do triste desabafo republicano de 31 de Janeiro seguinte.

Quillinan assiste a um jantar de cem talheres, que os admiradores da sua bravura lhe oferecem no *Grande Hotel do Porto*.

Mas este entusiasmo, como tudo que tem o seu unico apoio na imaginação e no devaneio, cêdo esmorece como as ultimas notas de uma canção que se ouve ao longe. Quillinan reconhece-se abandonado. De todos? Não; mas peior do que isso. Do seu exercito só lhe resta agora uma diminuta ronda de aventureiros, que apenas pretende explorar o nome do paladino português. Essa ronda pede-lhe as mensagens, os bilhetes, os telegramas, as cartas de felicitação por êle recebidas quando da sua façanha. Quillinan entrega tudo. Os aventureiros pensam em lançar no mercado, por bom preço, um livro em que estejam registados aqueles centenares de aplausos. Um grande negócio! Falta, porem, quem trace, em prósa de Tirteu, o preambulo daquele padrão memoravel. ¿Quem hade ser? O nome de Camilo foi desde logo eleito por unanimidade para tal fim. Camilo, porem, pelo que depois eu fiquei sabendo do caso, atentando no aspecto dos caudilhos representantes das ultimas reliquas do exercito do nosso glorioso compatrióta, excusára-se, alegando a sua falta de saúde. Quem, então?

Alguem se lembrou de lançar o meu nome, como sendo eu muito homem para me haver com a

empreza. Bateram-me á porta. Eram dois, apenas os mensageiros. Advertiram-me de que eram a Comissão incumbida de publicar um livro em honra de Quillinan. ¿Então a Comissão não tem mais ninguem? — perguntei. Que não tinha; e que isso era o mesmo. Conformei-me. Fizeram-me o convite, concluindo com magnanimidade que eu ainda lhes devia agradecer a lembrança que de mim tiveram, em rasão da qual — advertiam — na História, o nome do Sr. Quillinan e o meu, assim como o de uma firma comercial, ficariam eternamente conjuntos.

Depois de agradecer aos postulantes tão auspicioso palpite, desculpei-me como pude, e acompanhei até á escada aqueles desinteressados cabouqueiros da minha reputação.

Nesse mesmo dia, já de noite, escrevia a Camilo, contando-lhe tudo. Que estivesse acautelado.

Camilo respondeu-me assim:

Meu prezado Amigo.

Mandei estonar dous
vergueiros de carvalho cer-
quinho, entreguei-os a dous
creados de uma casa so,
e logo q. V.ª aqui se abeirem
os dois malandros serão
devidamte recebidos. O calo-
te preparava-se para mim;
e eu, por um palpite in-
consciente, declinei o bote q.
foi teu V. Ex.ª. Realmte

o tal Guilleman anda
ajoujado a um par de
pulhas de alto lá com
elles! Vi-o no Bom
Jesus ladeado desses pe-
lintras e de mts ninguens. Pa-
rece pois q. o Bryght co-
nhecia o paladino.

Vosso amo

C. Castello Branco

DÉCIMA OITAVA CARTA

Camilo escreve-me de Seide, dizendo-me ter estado no Porto uns dois dias, retirando ao terceiro, ralado de dores. Que pensara em ir abraçar-me, mas que fôra desviado desse propósito pelo recrudescimento do seu mal-estar. Que não iria ver-me para me agradecer o meu folhetim n'*O Primeiro de Janeiro*, a respeito do seu ultimo livro, *O Vinho do Porto*, pois que eu estou fanatisado por êle, em razão de o estar vendo, alem, nos dias da minha primeira mocidade, no adro da Capela de S. Pedro de Alcântara, na mata do Convento de S. Francisco, entre amigos, e que era essa visão querida e dolorosa, que agora me estava ditando as palavras bem-querentes que lhe dispensava. Que não; que era somente para despedir-se que cogitára buscar-me. E' uma carta que leva ás lágrimas.

Fala-me no seu proximo fim, na visinhança da morte.

Meu prezado José Caldas

Estive ahi 2 dias; e, no 3.º, q.do
tencionava visital-o, sahi mto doente
depois de perder duas noites, ralado
de dores. A m.ª visita não era
p.ª lhe agradecer o seu folhetim. O
meu amigo está fanatisado por mim,
porque eu lhe appareço na sua primeira
mocidade, á sombra na matta. Deus
S. Francisco... Tambem eu agora me
estou vendo no adro da capella; e
tenho as lagrimas a quererem saltar
do coração, e vejo o sorriso angelico de Joanna
Barbosa que me parece estar-me lá
d'alem mundo a dizer-me: "Fui
mais feliz do q tu, por q morri nova"
Não ia pois agradecer-lhe o juiso
benquerente com que V. aquilatou
a futilid.e do meu opusculo; ia abra-
çal-o como q.m se despede. Isto

não pode nem deve durar muito
Conheço-a pela providencial desgraça
que já sinto por tudo que me faria
desejar a vida.

Seu reconhecido amo.

S/C
13/6/84

C. Castello Branco.

DÉCIMA NONA CARTA

Por estes tempos (*Julho de 1884*) Camilo travara-se de rasões com Oliveira Martins, por virtude de umas opiniões por este escritor emitidas num estudo qualquer a respeito da influência que a *Companhia de Jesus* exercera na restauração da independencia portuguesa em 1640.

Ora, as afirmações de Oliveira Martins, que já vinham da sua *História de Portugal*, eram pouco mais ou menos estas: — que a intervenção dos Jesuitas no alevantamento do Duque de Bragança obedecia ao plano por eles concebido de *converter Portugal no Paraguay da Europa.*

Castelar, num discurso politico pronunciado no Congresso, protestára contra esta opinião do historiador português, tendo-a na sua boa-fé como pertencendo *ab ovo* ao mesmo Oliveira Martins. Pela sua parte, Martins, em vez de confessar onde bebera em primeira mão aquele conceito, muito embóra o perfilhasse, envaidecido com a honra de ver-se apontado em Espanha por aquela alta figura parlamentar, tossiu gravemente, como o Mestre André do epigrama célebre e calou-se.

Ora, Martins, lêra aquelas palavras, como toda a gente, em Herculano, quando este grande escritor português, treze anos antes, as lançára numa carta que, a respeito da *supressão das Conferencias do Casino*, escrevera a José Fontana, carta que anda no primeiro volume dos seus *Opusculos*, e nele se lêem a pp. 295 e 296. As quais palavras de Herculano são estas:— «A obra jesuitica tende a converter a Europa, sobre tudo a Europa latina, numa como vasta cópia das Missões do Paraguay.»

De passagem que fôsse, Martins, como faria qualquer escritor de mediana probidade, podia aludir á fonte inicial onde colhera aquele conceito; mas tendo por costume não denunciar nunca as origens onde ia buscar as suas novidades, nada disse, ficando muito satisfeito com saber-se referido da outra banda dos Pireneus.

Camilo, que dispunha de uma erudição rára, num brilhantissimo folhetim que fizera publicar n'*O Primeiro de Janeiro*, foi-lhe á mão, não quanto ao depoimento que, de resto, desde Herculano, era de toda a gente, mas no tocante ás imprudentes generalisações históricas que Martins se permitia, e nas quais era impertinentemente vezeiro. O sábio não gostou, e retorquiu com sobranceria e mal disfarçado azedume.

E' de advertir, que este poligrafo enciclopédico, espécie do P.^e^ Teodoro de Almeida dos nossos dias, era, pela sua petulância, pela sua vaidade e pelo fervor com que era reverenciado no Porto, no seu retiro das *Aguas Ferreas*, por um diminuto numero dos seus admiradores, profunda e cordialmente aborrecido de um punhado de insubmissos, que não podia levar a bem os ares magestáticos de tão autentico parlapatão.

Alem de tudo isto, Martins tornára-se odioso ao espirito publico, desde que, como quem muda de camisa, passára de socialista marxista e ardente conculcador da dinastia de Bragança a monarquico-progressista e infimo bajulador do rei D. Carlos, indo alistar-se na tenda politica, então muito em voga, do famoso Correa de Barros, ao tempo dissidente da sinagoga da *rua dos Navegantes*, em rasão de o não terem feito Ministro.

Esta transfiguração, assim rápida e brusca, arguia em Martins um grande senão que absoluto desprezo pela opinião publica, desprezo muito visinho já do suprêmo desdem. *A Folha Nova*, jornal republicano do Porto, scintilantissimo, dirigido — como já aqui se disse — por Emigdio de Oliveira, assestou desde logo a sua melhor artilharia contra o transfuga, recentissimo e impudente, dos arraiais democráticos. Por seu lado, os progressistas ortodoxos, fieis ao pontifice da Anadia, batiam o rebelde, ao qual, por matráca, apelidavam *de Messias das Aguas Ferreas*.

Contra o que se esperava, Martins revelára-se, desde o principio, um péssimo jornalista. Faltava-lhe tudo: — o arranque, o brilho, a espontaneidade, a decisão, a clara emissão do pensamento, a facilidade da réplica, a lucidez dos argumentos, tudo isso que torna o jornalista, não só notavel, mas temido. Ele não dispunha de nenhuma destas aptidões. De nenhuma. Esta ausencia de faculdades tão necessárias ao polemista, ao doutrinário, ao argumentadôr que esgrime no circulo de uma fácil dialética, procedia do seu caprichoso *poligrafismo*, pelo qual Martins, por andar arrimado sempre aos seus expositores, estava naturalmente inibido de dar um passo sem mulêtas. Mau habito, vicio de que nunca se libertára, incorrigivel

mau costume, que o dava no conceito dos que estudam a sério e que de experiencia sabem quanto custa versar com dignidade qualquer das especialidades scientificas de que, de um salto, ele se mostrava grande sabedor, na conta de um homem sem seriedade educativa, muito facil, pelo abuso das suas faculdades de adaptação, de ser tido na categoria de um grosseiro mistificador.

Por adulação, por servilismo, por estupidez, muitos dos seus discipulos mais conjuntos comparavam-no a Niebuhr, a Carlyle, a Taine, a Michelet. Estes atrevimentos eram o somatorio representativo das mais desvairadas ignorâncias. O Dr. Oliveira Monteiro que, pela cadência rithmica do seu dizer pausado, sempre didático, merecera do publico de então o gracioso apelido de *Doutor Pomposo*, chamava-lhe conspicuamente *O Mestre*. A alcunha não pegou; e tanto o Sócrates das *Aguas Férreas* como o seu Xenofonte de Alcafózes, ficaram no logar em que a fortuna os colocára, sem apendice hipertrófico notavel que lhes desfigurasse os perfis.

Todavia Martins, em seu interesse, fundava por esses dias no Porto um jornal politico muito pretencioso e pedantesco, *A Provincia*, cujo modesto programa continha o mandato imperativo de «obrigar Lisboa a ter juizo». O homem não era para menos. Deste jornal faziam parte os seus discipulos mais aguerridos: — Fernando Maia, Luis de Magalhães, João Novais, Queiróz Veloso e outros. Era a *ala dos namorados*, de que Oliveira Martins e Correa de Barros eram, respectivamente, o Rui Mendes e Mem Rodrigues de Vasconcelos.

Esta mui leda companhia tinha de sua obrigação bater-se com os rebeldes d'*A Folha Nova*, e com *o frade-borra* d'*A Actualidade*; o qual *frade-borra* era eu.

A' frente daquele bando de rapazes decididos a castigar *os miseráveis*, como Martins num momento infeliz nos apelidára — injuria grosseira que *A Folha Nova* o obrigára pouco depois a engulir [1] — assistia como condestabre e cão-de-fila do mesmo Martins, um ex-chapeleiro falido, do Porto, noutros tempos socialista como êle, malcreado, insolente e

1 O répto lançado n'*A Folha Nova* à *Provincia*, por Emigdio de Oliveira, é assim concebido: — «Ha mais de oito dias, que um historiador avariado, director de caminhos de ferro, messias destes reinos, que desempenha á uma todos os papeis que neste paiz de pataratas um audacioso e um mediocre podem desempenhar quando se teem na alma os escrupulos de um vilão, atirou traiçoeiramente uma pedrada sobre meia-duzia de homens-honestos que seguiam socegados na estrada do dever, confiados na sua sinceridade, garantidos por um nome penosamente conquistado. Ha mais de oito dias que um homem generoso *(foi Basilio Teles)* levantou neste jornal um brado de indignação procurando o miseravel que, com *a valentia dos apóstatas*, pretendeu afrontar nuns insultos de praça publica os protestos da própria consciência, e, até hoje, no papel ignobil, escarradeira das sandices do pontifice da *coisa suja* que para ahi se chama *a vida nova*, não aparece um homem a tomar a responsabilidade da calunia.

«Na coherte dos inéptos e dos transfugas, escória dos partidos existentes, ninguem sentiu a necessidade de ir ao encontro do homem que pedia explicações, que reclamava responsabilidade!

«De tantos sábios da Escola-Medica, de quantos admiradores inconscientes da sapiencia e da *honestidade* do autor da verrina e da calunia, nenhum tem o coração bastante largo e o punho bastante firme para renovar a ofensa, sustentando-a com a convicção de quem pratica um acto de justiça.

«Pois bem! — Insultador miserável, fazedor de livros de fancaria, salvador da pátria com ingredientes económicos da mesma força com que tens obstado á ruina da companhia que diriges, espirito sagaz que viste na *lenda sebastianica* o unico sintoma da vida deste bom povo portuguez, a unica centelha de sentimento que lhe ficou de um passado glorioso mas em ruinas; — messias que possues a suficiencia que leva á parvoice e á auto-idolatria, á calúnia e ao insulto — nós te arrancaremos a pelle e a essa turba ignára que te cerca.»

alcoolico. Este ex-chapeleiro era o ministro das grandes execuções. Junqueiro, o Dr. José Arroio e eu fomos varias vezes executados.

A luta ia féra. *A Folha Nova* queimava as suas mais poderosas munições. Eu, pela minha parte, ia ocupando o meu pôsto o melhor que sabia e podia.

Claro está, que quando vi Martins redarguir a Camilo com fumos doutorais, chamando-lhe *ilustre romancista*, assim de molde a fazer-lhe entender que a ceára onde êle andava mondando as suas sabedorias, por ser ceára de História, não permitia que curiosos fabricadores de novelas ali se intrometessem, senti pelo razoado do homem, que êle, com falar muito de Ranke como sendo *o seu mestre* em assuntos da *Companhia*, não fazia senão copiar o nosso Rebelo da Silva, agravando o furto com o modo desdenhoso pelo qual, sem vergonha, perpetrava a façanha.

E, assim determinado, preveni Camilo àcerca da grosseira falcatrua do seu contendor. E, para poupa-lo à canceira de justos confrontos, apontei-lhe numa carta as traficâncias do sábio.

E disse-lhe:

«— Repáre V. Na contestação que Martins, *discipulo de Ranke*, lhe oferece, escreve êle: — «Os padres da *Companhia* eram os mestres da mocidade da terra e os directores espírituais não só das famílias ilustres, mas até das mais humildes e obscuras.» Isto não é dele; isto é do Rebelo da Silva, o qual no tomo terceiro, capitulo quinto a páginas 439-440 da sua *História de Portugal nos seculos XVII e XVIII.*, diz— «...os padres da companhia... mestres da mocidade da terra e directores espírituais não só das famílias distinctas mas até das mais humildes e obscuras.»

— «Veja mais» — dizia-lhe eu ainda. «Pouco adiante da passagem apontada, Martins escreve *como discipulo de Ranke*, isto: — «Era ahi (*em Evora*) que propagavam o sebastianismo jezuitico o theologo Sebastião do Couto e os padres Alvaro Pires Pacheco, descendente do grande Duarte Pacheco, Gaspar Corrêa e Diogo Lopes.»

— «Volte V. a abrir o Rebelo, e a paginas 441 do mesmo terceiro tomo da sua *Historia de Portugal* acima apontado,[1] encontrará: — «Em Evora os mestres e os videntes eram o theologo Sebastião do Couto e os padres Alvaro Pires Pacheco, descendente do grande Duarte Pacheco, Gaspar Corrêa e Diogo Lopes...»

— «Isto não é um plagiáto: V. bem vê; isto é um treslado *de verbo ad verbum*, tal como se produzem as péças desta natureza nos cartórios dos escrivães do publico judicial e notas, por sua Magestade que Deus guarde.»

E, depois, perguntava a Camilo, com amargura: — » ¿Então para dizer novidades destas, urgente se tornava que um discipulo e familiar aluno do famoso professor da Universidade de Berlim, Leopoldo von Ranke, descesse a copiar o quase anónimo Rebelo da Silva, agravando ainda mais a sua desonestidade suprimindo a indicação do livro onde fôra beber tão sabidas cousas? Pois tão fundo era por-ventura o pégo, que êle tão familiarisado com o seu colége de alem-Rêno, não se atrevesse a vadea-lo sem levar aquele fragil cinto-de-salvação, que um historiador de segunda ordem, como Rebelo, lhe ministrára?

Em seguida, no fim do seu pomposo razoado, Martins, na sua dupla qualidade de percetor erudito e de adversario generoso, diz ao tal *ilustre roman-*

cista: — «Se não receasse tambem que (*V.*) lhe desse o significado de divagação, generalisação ou cousa semelhante, abrindo o meu mestre Ranke, autor que deviam saber de cór os que tivessem de tratar da *Companhia de Jesus*, (remóque á suposta ignorancia de Camilo na materia) pois ninguem, que eu saiba, a estudou melhor...»

— «Pois sabe muito pouco» — dizia eu ainda para Seide. E acrescentava: — «Leopoldo von Ranke, ocupando-se incidentemente da *Companhia de Jesus*, na sua historia dos Papas romanos, sua Igreja e seu Estado no seculo XVI, (*Die Römischen Päpste ihre Kirche und ihr Staat. I. Bd. II. B. §§ IV-VII.*) somente quando trata das novas Ordens religiosas que nessa epoca se fundam, não póde nem podia ser, de modo algum, como pensa Martins, o historiador que melhor houvesse estudado até então a complexa estructura constructiva, politica e religiosa, dos discipulos do alucinado biscainho, fundador daquele Instituto. Essa tarefa colossal coube, trinta e sete anos depois de von Ranke, em 1873 — precisamente onze anos antes das eruditas bazófias de Martins — ao sábio professor de Filosofia da Universidade de Munich, Doutor João Huber, por meio das suas notabilissimas obras — *Der Jesuitem — Orden nach seiner Verfassung und Doctrin, Wirksamkeit und Geschichte characterisirt* — e *Die Kirchlich — politische Wirksamkeit des Jesuiten — Ordens* (e esta ultima inserta na *Deutsche zeit — und Streit — Fragen*, [*lahrgang II., Heft 23 24*] sob a direcção dos senhores Fr. v. Holkendorff e W. Oncken) — trabalhos magistrais, em que são apreciadas, por meio de uma documentação irrefutavel, todas as caracteristicas fundamentais da *Companhia*, tanto no que diz respeito á sua doutrina, á sua história e ás modalidades

da sua moral, como ao conjunto da sua actividade politica, meios e fórmas práticas da sua propaganda, da sua ação religiosa, bem como dos processos da sua tenebrosa e perniciosissima expansão.

«A este grande filósofo já conhecido em todo o mundo culto pela sua sólida educação teológica, autor de dous monumentais estudos — um sôbre a filosofia dos Padres da Igreja (*Phil. der kirchenväter*) e outro em que são apreciadas as próvas cartesianas àcerca da existencia de Deus (*Über die cartes. Beweise vom Dassein Gottes*) — estava reservada essa empresa de portentoso exito, incomparavel a todos os respeitos ás fugitivas pôsto que magistrais revelações de Leopoldo v. Ranke, por isso que este poderoso historiador, unicamente, como um episódio do seu tema fundamental, se ocupa dos Jesuitas.

«Martins, pelo visto, nem de nome conhece estas obras do sábio catedrático de Munich, pôsto que a primeira, desde 1876, — oito anos antes da polémica com Camilo — andasse já divulgada em França, atravez de uma imperfeita e viciada tradução de M. Alfredo Marchand. A tudo isto éra estranho o sábio e enciclopédico Director do caminho de ferro da Póvoa, promovido a portento pelo pedantesco e pretencioso club dos *vencidos da vida!*»

A este meu longo desabafo, escrito com a minha melhor pena de Toledo, respondeu pachorrentamente Camilo do seguinte modo:

ou em aû.
Foi facil conhecer logo que o alvitre
martino não forrageava em Allema-
nha, nem p.r muito longe do Compendio
do Orta p.ª uso das escolas. Na
resposta, q. o meu José Caldas já terá
visto, limitei-me a não o felicitar
pela auctorid.e de Rebello, q. foi
um Ruth de quantas espigas histori-
cas encontrou no campo da Historia já
reduzida a breviário p.ª os q. hoje estu-
dam. Sou am.º de O. Martins, e
não quero beliscal-o. Assim que o vir
um pouco azêdo, a escamár-se, deixo-
o porq. receio q. elle tenha em si al-
gum globulo da raça celtica repre-
sentada pelo Conceição, pelo Rodrigues,
etc.

Abraça-o com mt.º affecto o seu
velho amigo

C. Castello

VIGECIMA CARTA

Aí pelos primeiros dias de Dezembro de 1884, a 6, Tomás Ribeiro conseguia finalmente lançar a público um jornal seu. Déra-lhe o nome de *Republicas*, e prometia publicar-se aos sabados.

Jornal e titulo não passavam no entanto de um unico despropósito. O nome de *Republicas*, que Tomás Ribeiro, logo de principio, e à cautela, adverte significar «um como que compendio das *coisas-publicas*,» tornara-se logo no seu primeiro aspecto odioso aos frequentadores do paço, precisamente o porto de salvação onde o imaginoso poeta pretendia aferrar a unha da ancora da sua piróga de estrénuo e desinteressado paladino das Instituições. A justificar o intento fizera êle inscrever no tôpo da sua ingloriosa gazeta verso e meio daquela conhecida estância dos *Lusiadas*, quando o épico, dirigindo-se a D. Sebastião, exclama:

> Vereis amor da patria, não movido
> De prémio vil...

Mas a gloza de Tomás Ribeiro ao titulo do seu jornal, sôbre ser falsa, era pueril. Falsa, porque no seu caso, o têma do vocábulo devia ser de nominativo e não de ablativo, isto é, ser *res*, e não *re*, e escrever-se *Respublicas*, lá onde estava *Republicas*;—pueril, porque uma explicação é sempre a desculpa de uma falta, a confissão de um erro, seja essa confissão por qualquer modo atendivel ou perdoavel.

Tudo isto, porem, não obstára a que o jornal, como digo, fosse, logo á nascença, mal visto, assim na Ajuda, como no arraial fontista, onde Tomás Ribeiro tinha e teve sempre a sua desafortunada bandeira.

Contava-me, pouco depois do aparecimento das *Republicas*, o Dr. Ravára, médico do paço, que estando êle um dia numa sala próxima do gabinete particular do Rei, alguem, por adulação ou por malicia, fizera notar ao então Principe Real, D. Carlos, a extravagância do titulo da tal *Revista politica e literaria* de Tomás Ribeiro; e oferecendo-a á consideração do futuro herdeiro da coroa, dissera:

— *Republicas!* Que ideas tem às vezes este Tomás Ribeiro!

Ao que o Principe, sacudindo desdenhosamente das mãos a pobre gazeta, acrescentou num movimento de visivel enfado:

— Ideas? Pois esse homem tem disso?

No arraial fontista, a publicação do desditoso semanario foi tida tambem na conta de uma impertinencia. Fontes não gostava de jornais, se não dos que glozavam submissamente as suas indiscutiveis opiniões. Jactava-se mesmo de «não ler gazetas». Pessoalmente não tinha Tomás Ribeiro em grande conta, cujo trato primoroso e delicadeza de maneiras lhe desagradavam como estigmas da sua mani-

festa incapacidade politica. E pôsto que um dia tambem tivesse feito versos — e bem maus versos por sinal [1] — tinha os poetas num plano muito abaixo das suas atenções. Tomás Ribeiro conhecia o desdem fontista, mas sofria-o nobremente, opondo-lhe os naturais primôres da sua educação. Só por excepção o aspecto se lhe ensombrava, quando as rudezas tarimbeiras do chefe lhe batiam em cheio no peito. Eu mesmo fui um dia (*no dia 12 de Agosto de 1882*, num sabado, no Porto, e no Palacio das *Carrancas*) testemunha presencial de uma dessas crizes. El-Rei, então em plena faze literaria, mostrára desejos de que fosse eu o seu auxiliar na melhor interpretação do *Othelo*, encargo de que me desempenhei até final. D. Luis era um conversador primoroso, atraentissimo, adoravel. Era de uma desafectação e de uma familiaridade de trato verdadeiramente encantadoras. Ao nosso colóquio, em que El-Rei me patenteava a exuberancia da sua sólida cultura, assistia Tomás Ribeiro, em pé, afectuoso, reverente, delicadissimo. Subitamente entrava Fontes na sala, altivo, soberano, com aquele tão seu *train de roi, qui dit faites-moi place.* Cumprimentou gravemente o Rei, como quem saúda um colégа, deixando cair sôbre mim que, pouco antes, lhe fôra apresentado por Tomás Ribeiro, um daqueles seus olhares ma-

---

1 *Poesia oferecida a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, por ocasião da kermesse na real tapada da Ajuda.* Fontes escreveu esta frioleira numa edade em que já devia ter juizo. E' de advertir, porem, que Fontes, não-obstante o seu olimpico desdem pelos poetas, mandára antecipadamente e sem que o seu nome podesse ser suspeitado, sondar o voto de Tomás Ribeiro sôbre os méritos da sua sandice, fortalecendo-se depois com a aprovação do seu censôr para a divulgação do feito. Que poeta, e que censôr!

gestáticos, peculiarissimos na sua fisionomia moral. Este seu olhar acabára de cavar, entre mim e aquele homem, a profunda aversão que ainda agora consagro á sua memoria. Ele nada perdeu com isso; eu nada ganharia tambem submetendo-me; visto que para servir tal personagem me faltavam todas as qualidades que, noutro tempo, distinguiam e recomendavam os moxilas e os boleeiros.

Em presença de D. Luis, humano, gentil, afectuoso, Fontes é quem parecia o Rei! Este absurdo fez-me já então lembrar aquela repugnancia instintiva com que Pio IV, no dizer de Fra Paolo, olhou sempre o Cardeal da Lorêna, por se lhe afigurar que este Prelado faustoso, pela sua imponencia e pela sobranceria dos seus géstos, se dava como sendo êle e não o Papa, o verdadeiro Pontifice.

Perpetradas algumas banalidades, Fontes, num aprumo soberano, dirigiu-se a Tomás Ribeiro. O seu aspeito ensombrou-se, carregou-se logo. Disse-lhe com solenidade qualquer cousa, e não como quem comunica um pensamento, senão como quem dá uma ordem. Tomás Ribeiro, não obstante a fôrça de disciplina e o poder de educação que o dominavam, afogueou-se por um momento, volvendo desde logo á sua feição habitual. A crize passára.

Assim, pois, a *Revista* de Tomás Ribeiro era um duplo e manifesto desconcêrto. Nem êle, nem o seu periodico conseguiriam nunca fazer-se respeitar do grande homem. Os adversarios tambem o não temeriam, visto que Tomás Ribeiro, sôbre ser um menos que mediocre jornalista, era demasiado cortez e delicado para na imprensa poder conter em respeito os seus contraditores. Todo o seu empenho — como já então o fizera saber no preâmbulo do seu jornal — era «discutir, quando mesmo com veemencia

e paixão, sempre com serenidade, com delicadeza, com impersonalidade.» Era o sonhador, o poeta — mas o poeta todo inteiro, desde a raiz dos cabelos até aos calcanhares — e não

Poeta até o umbigo, os baixos prosa

como de Sá de Miranda dizia o malicioso Diogo de Souza na sua *Viagem ao Parnaso* — : isto é, o poeta autentico, e em si mesmo contraditorio, procurando achar logar no covil de todas as manhas, de todos os egoïsmos grosseiros, de todas as prostituições! Era o rouxinol dos jardins de Pafos tentando associar-se ás aves de rapina, e aos roedores de dente e unha, que vivem nos esgotos e no escuro insalubre de todas as podridões.

De resto, Fontes, conhecendo-se insubstituivel, só respeitava os que se lhe impunham ou pela grandeza do talento, como Mártens Ferrão, como Andrade Corvo, como Barjona, ou ainda como Antonio Augusto de Aguiar; ou então aqueles que pela audácia e pela subtileza da perfidia se lhe tornavam temiveis, como Lopo Vaz ou Marçal Pacheco. E Tomás Ribeiro, que despertára na vida para cantar o amôr, para amar as mulheres, as flores, as alvoradas, o azul do ceu, e o sussurrar das fontes, era uma menos que secundaria figura naquele bando de astutissimos rufiões. Lançara-se na política como um meio, não como um fim: por dura imposição das circunstâncias, nunca por vocação. Nascera porventura para que nele viesse a realizar-se aquele gésto de Mecenas, traduzido por Marcial no conhecido verso

Accipe divitias, et vatun maximus esto,

e não para conquistar pela tenacidade do seu esforço, em luta com os homens e com os seus ardis, aquela independencia e confôrto de um lar e de um domestico, com os quais, pela amarga confissão de Juvenal, é muito facil ser Virgilio:

Nam si Virgilio puer, et tolerabile deesset Hospitium

Mas se já então não havia poetas como o cantor de Eneas, muito menos havia Mecenas, que lhes criassem a comodidade material indispensavel á suave e livre expansão dos seus cantares. Assim, teve de curvar-se aos arbitrios grosseiros daquele ultimo chefe politico da monarquia, cuja morte vem dentro em pouco apressar a latente decomposição da família monárquica, e iniciar a dispersão dos ideais conservadores identificados com a Coroa. O jornalismo começa desde então a ser uma industria politica de mau caracter, convisinha já da especulação e do cálculo partidário. Cada cabecilha irrequieto funda um jornal, não para defender ou definir principios como fizera José Estevão após o desastre de Torres-Vedras, mas sim para proclamar a liberdade das ambições mais criminosas, e bater o pé ao chefe menos docil, ou a caso mais surdo ás exigencias dos seus barões. Esta evolução degradante operada no conceito e na rasão moral e social da imprensa, vem romper os ultimos vinculos de solidariedade entre o jornal e o publico, dispensando-se este de seguir e de acatar doutrinas jornalis-

ticas, que por experiencia conhece serem ditadas unicamente pelos instinctos mais sórdidos e pelas ambições pessoais mais desordenadas.

¿Que vinha, pois, fazer ou tentar fazer, a esta feira obscena, com a sua insipida gazeta, o mavioso menestrel da *Judia*?

A fim de colaborar nesta infelis *Revista politica e literária* tinha-me convidado um dia Tomás Ribeiro, em Carnaxide, na sua *Vila-Branca*. Para o logar de director da secção literaria havia-se espontaneamente oferecido Camilo. A política ficava a cargo do fundador. ¿O jornal, assim representado, era uma esperança? Não; o jornal era uma autentica banalidade, ou melhor talvez, uma indiscutivel frioleira.

Fui, todavia, um assiduo colaborador das *Republicas*, visto que a Tomás Ribeiro nada podia eu recusar.

No dia 25 de Abril de 1885 publicava eu na tal *Revista* (*n. 21 p. 5*) uma apreciação critica a respeito do ultimo livro de Camilo, *A Maria da Fonte*, sahido havia pouco dos prelos da imprensa *Civilização* do Porto. Este artigo, como quase tudo que eu fazia aparecer nas *Republicas*, vinha grosseiramente deturpado, em rasão não só da crise de revisores inteligentes com que desde os seus primeiros dias de vida se debatia o jornal, mas tambem pelos remendos que nele se permitia perpetrar o seu director politico. Camilo leu esse artigo, escrevendo-me logo a agradecer aquilo que nessa apreciação tomava á conta de uma amabilidade. De caminho, aludindo ás barbaridades infligidas pelos tipografos

ao meu pobre trabalho, e ás tropelias [1] que nele tinham sido introduzidas pelo meu censôr, mostra-se aborrecido da gazeta, bem como de uma boa parte dos seus colaboradores, dando a entender que *aquilo* devia acabar. Camilo tinha inteira e absoluta rasão.

Era a sua ultima Carta; — a qual Carta dizia assim:

Excellentissimo Collega

O seu art.º, apesar das tropelias esquisitas do [illegible] q [illegible] fiz, está optimo litterariamente. Como critica está ... amabilissimo. Eu soffri tambem patifarias dos typographos da Republica e desanimei. Eu pediria ao S. R. q acabasse com aquillo.

---

(1) Estas *tropelias*, que Camilo pressente logo serem de mão estranha, eram da autoria de Tomás Ribeiro, o qual se permitiu *adoçar* desastradamente no meu artigo aquilo que lhe pareceu de menos reverencia para com a memória da Rainha D. Maria II. Anteriormente num meu estudo ácerca da Casa de Vimioso exerceu êle tambem a sua censura palaciana, de resto tão mal apreciada sempre nas altas regiões do poder. Mas Tomás Ribeiro era um infelis e incorrigivel cortesão.

Desde q lá vi Vilhenas B., Soares Romeu,
&.ª considerei o jornal periodico mor-
to como todos os periodicos que vivem
de edição gratuita. Não chegou
a ter nome algum, e desapparecia
sem deixar vasio sensivel. Abraça-
o com muito engrandecido affecto.

C. Castello

EPILOGO

(Ultimos registos)

A catástrofe precipitava-se. Camilo cegava dentro em pouco.

Em 1888, já a dois passos da morte, o governo pensára em acudir áquele cruciante paroxismo com um socorro material que não ofendesse os melindres daquele excepcionalissimo desventurado, e que fosse ao mesmo tempo um acto de vivo apreço pelo seu nome. Esta homenagem, quasi póstuma, transfórma-se no Decreto de 3 de Junho de 1889 — menos de um ano antes de êle entrar na Arca santa do eterno e definitivo repouso! — pelo qual é concedida a seu filho Jorge a pensão de um conto de reis.

E', pois, em 1888, quando esta tardia generosidade do governo agita os espíritos, que eu escrevo, no *Primeiro de Janeiro* (17 de Dezembro de 1888, n.º 335) um artigo, assinalando o feito.

Camilo está ao tempo em Lisboa. Oito dias depois, a 25 de Dezembro, recebia eu, de Seide, um cartão de D. Ana Placido, com estas palavras:

— Ao discipulo querido do Mestre um bom apêrto de mão da sua admiradora e reconhecida.
Viscondessa de Corrêa Botelho.

Camilo, pouco depois rôtas as ultimas esperanças — as que lhe vinham da ancia absurda do milagre, e das que chegára a pôr na medicina — regressava á sua casa de S. Miguel de Seide. Ahi, ás 3.^{h} 15 da tarde do dia 1 de Junho de 1890, suicidava-se. Era a resposta altiva, lógica e sangrenta, que êle, da sua dupla treva, mandava, escrita numa bala, à prevercidade com que a Divina Providencia se deleitava agora em prolongar-lhe a vida.

Tres dias depois com o coração apertado num cinto de recordações e de infinitas máguas, escrevi n'*A Actualidade* [1] o seguinte:

«Quando a noite caliginosa de uma cegueira sem esperanças vinha avançando lentamente, mas continuadamente, sôbre êle, esse grande morto, que foi a um tempo um grande escritor e uma grande alma, dizia-me:

«Meu amigo: Merecia-lhe alguma coisa; mas tanto não. . . . .
Ha mes e meio que sôfro sem intermissão de repouso. Persuadem-me os meus praxistas medicos que estou no primeiro periodo do amolecimento cerebral — dores de cabeça, vertigens, caimbras, picadas nas extremidades dos dedos. Quando vier o segun-

(1) Quarta-feira 4 de Junho de 1890, n.º 131.

do periodo — o esquecimento e a idiotia — principie a considerar-me relativamente feliz o meu amigo J. C... Nada espero; mas a minha familia tem ilusões que não devo desfazer...»

Mas o esquecimento, que podia ser um balsamo, e a idiotia, que havia de converter-se abertamente em libertação moral de um suplicio que a lucidez do entendimento devia tornar humanamente insuportavel, — esses dois suspeitados beneficios, que uma Providencia mediocremente compassiva deveria mandar ao caminho de aquela extraordinaria desgraça, esses nem chegaram, nem, sequer, se lhes presentia a longinqua aproximação redemtora. Pelo contrario: como Henri Heine, como Job, a agonia física, tormentosa, do grandissimo escritor era horrivelmente centuplicada pela lucidez diamantina daquela inteligencia excecional. Como os supliciados de Maxencio, Camilo, o cadaver de Camilo Castelo Branco, estava terrivelmente ajoujado a uma parte infernalmente luminosa daquele ser contradictorio e unico — uma parte que vivia sempre, que teimava em não querer morrer, como se estivesse empenhada na recrudescência daquele enormissimo martirio — e essa parte era a Razão. Esta lucta de um vivo dentro de um cadaver é um assombro que a mais larga fantasia jámais saberá medir! Sentir a alma intensamente viva, o cerebro povoado de ilusões, ou de extremos de desesperança; escutar á tarde o canto das aves e o murmurio das fontes; apalpar-se, sentir-se vivo, e ter como termo de tão espontanea e incansavel vitalidade o carcere imenso, o infinito carcere da cegueira — ah! eu não sei que Fé num Deus terrivelmente absurdo, ou que esperanças na suposta crise de um estado patologico que

insistia no seu espantoso estacionamento: — eu não sei que estranha virtude ou que sublime e santa covardia poderia levar Camilo a não praticar o que praticou!

¿O que lhe era a existencia, já agora, quando, sepultado naquele pélago de escuridão sem candeia de esperança, a alma desse extraordinario desafortunado se via como que perdida na imensidão fantastíca de uma noite sem termo? Cantar como dizem que cantou Homero, ou como teve a virtude de cantar Milton ou Castilho? Mas Camilo não fora nunca um poeta — um passivo resignado, uma organisação contemplativa. A sua agonia mil vezes maior que a do vagabundo da Hellada, ou que a do cantor da desobediencia do primeiro homem tinha a torna-la mais intensa os impetos naturais daquele temperamento de revoltado, de apaixonado, para o qual a passividade, num duelo como este, entre o Suicidio e a Resignação, a victoria havia de fatalmente pertencer ao primeiro.

Foi por isto, certamente por isto, que êle se matou.

Escrevendo, neste momento, como aquele bôbo da opera celebre cantava diante dos nobres que formavam a côrte indiferente de um principe devasso — quando a alma lhe estava refugindo inelutavelmente para a contemplação da sua incomparavel dôr — eu sei que acho mais facilmente lágrimas do que palavras, saudades e sentimentos mais do que razões de critica.

Amei esse homem extraordinario durante um periodo de anos, verdadeiramente enorme, — trinta e cinco anos! Era êle como que o único amparo, a derradeira pousada que a ave das minhas emoções

iais intimamente sentidas deparava, quando ia por
sse largo ceu do passado, esvoejando, esvoejando
empre, e em cuja carreira não achava já senão rui-
as—ruinas de esperanças malogradas, ruinas de ilu-
ões perdidas, ruinas de tudo, de homens, de sonhos,
e mil ambições desfeitas. «Você está fanatisado por
iim — dizia-me êle, ha seis anos, numa carta, uma
as muitas que dele conservo — e está fanatisado
or mim, porque lhe apareço na sua primeira mo-
idade, acolá, na mata de S. Francisco. Tambem eu
gora me estou vendo no adro da capela; e tenho
grimas a quererem saltar do coração, vendo o sor-
so angélico de José Barbosa, que me parece estar-
ie lá, d'além-mundo, a dizer-me: *fui mais feliz do
ue tu porque morri mais novo*».
E seria por isto?
Talvez.

Para se medir bem a sua vasta Obra; para apre-
ar esta complexa personalidade, mixto de ilogismo
de loucura, de ternura e de sarcasmo, de impie-
ade e de misticas canduras; para assignalar, ao
erto, a sua influencia na literatura patria e, ao
iesmo tempo, na alma nacional é cedo de mais
ara o tentar, pois tudo quanto agora se dissesse
iria imperfeito e desvalioso. Caminhamos, porém,
ara o dia — para o terrivel dia! — em que esse
studo deve ter uma efficacia incontestavel, por
char no meio social e politico que o ha de produ-
r a corroboração cabal, incontestavel, do que se
gora fosse dito pareceria temerario ou pura invenção.
Mau grado as meias palavras de alguns, a cor-
upção mal coberta do grande numero e a hipo-
risia contemporisadora dos que acham que é sempre
empo e occasião de alargar a feira, a sociedade

portugueza corre, sem nenhuma especie de disfarce moral, para uma decomposição violenta. Quando os ultimos escrupulos estalarem, e surgirmos mil vezes mais indecorosamente do que em Alcacer-Kebir — porque será sem espadas partidas e sem ter o peito rasgado por pelouros que o estrangeiro nos virá ver, mas de bolsos rôtos e de mãos sujas, como em dias de aleivosa mercancia: para esse dia, então, esbandalhados, num impudente cosmopolitismo de todas as miserias e de todos os vicios, sem a lingua nem os costumes já dos nossos paes, á mercê do primeiro aventureiro que nos levar como preza vil: então e só então é que poderá ser apreciado esse homem singular, estranho, absurdo, cujo talento, sendo imenso, o não levou aonde os talentos se pagam, contentando-se, como o seu antepassado Luiz de Camões, em servir a Arte pela Arte, embora, como êle, acabasse tambem socorrido por uma misera pensão.»

Ha neste desafogo periodos que soam hoje como autenticas e verdadeiras profecias!

Trinta e dois anos depois, a realidade histórica encarregava-se de traduzir em factos aquilo que, ao tempo, me estoava na alma como um lugubre pressentimento!

FIM

INDICE